

# a *Cena*

Cr\$ 2,00  
em todo o Brasil  
N.º 8 — 24-2-48



**MUDA**





# LORETTA YOUNG

LORETTA YOUNG, aparece nesta foto, quando por ocasião da "premiere" de "The Bishop's Wife", era cumprimentada por S. M. a Rainha Mary da Inglaterra, pela sua "performance", nesta nova produção. Em "The Bishop's Wife", cujo título, em português será "Um anjo caiu do céu", a encantadora Loretta tem como galã Cary Grant, secundado por David Niven e Monty Wooley.

## NOSSA CAPA

Deanna Durbin, a popular "estrela" da Universal-International, que muito breve nos encantarà com a sua linda voz em "Deliciosa Mentira" (Something in the Wind), com Donald O'Connor e John Dall.

### SUMÁRIO

#### COLABORAÇÃO:

"Será que agora vai mesmo?" por J. Arnaldo, na pág. 3; "Ronaldo Lupo Já Foi à Bahia", reportagem de Armando Migueis, nas págs. 6 e 7; "Amadeo Nazari, Ator Internacional", por Ruggiero Jacobbi, nas págs. 14 e 15.

#### REPORTAGEM ESPECIAL:

"Frente a Frente com Dana Andrews", por Luís Serrano, na pág. 10

#### DIVERSOS:

"Vendo a América pela Primeira Vez", por Alida Valli, nas págs. 8 e 9; "Uma Descoberta de Douglas Fairbanks, Jr.", na pág. 11; "E a Ação que Garante a Popularidade dos Filmes de Moinho", por Tim Holt, na pág. 12; "Um Grande Produtor que Desapareceu", na pág. 13; "COPACABANA, a Primeira Experiência de Carmen Miranda como *Free Lancer*", nas págs. 18 e 19.

#### Cine-Romances:

"Brutalidade" (Início), película da Universal-International, com Burt Lancaster, Charles Bickford e Hume Cronyn, nas págs. 20, 21, 22 e 23; e "A Rua do Delfim Verde" (Início), película da Metro-Goldwyn-Mayer, com Lana Turner, Van Heflin, Richard Hart e Donna Reed, nas págs. 24, 25, 26 e 27.

#### SEÇÕES PERMANENTES:

"Boa Noite", nas págs. 4 e 5; "Melodias Para Você", nas págs. 28, 29 e 30; "Cotações da Semana", na pág. 31.

# A CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Secretário: R. Magalhães Junior. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 2,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 90,00; Semestral (26 números), Cr\$ 45,00. Registrada: Anual, Cr\$ 110,00; Semestral, Cr\$ 55,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 200,00; Semestral, Cr\$ 100,00. Número atrasado, Cr\$ 2,50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Distribuidor de A CENA MUDA em São Paulo: Agência Zambardine, Rua Capitão Salmeiro, 67, Telefone: 4-1569. Representante em São Paulo para publicação: Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado, 180, 5.º andar, Sala 502, Telefone: 3-2619. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, Agular Mendonça, 19, West 44th Street, New York City, N. Y. — Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo 34, 2.º andar, Lisboa. AFRICA ORIENTAL POR TUGUESA, D. Spanos, Calçada da Moura, 424, Lourinho, Marques. URSULA, Monteiro & Cia., Constituinte 1745 Montevideu; S. Universal na ARGENTINA, "Interfrença", Florida, 229, Buenos Aires.

Toda correspondência deve ser enviada ao Diretor.



O cinema nacional, até aqui, quase que se tem limitado às aventuras em busca do lucro imediato. Essas aventuras, em geral, giram em torno do Carnaval, essa grande atração a que o brasileiro não pode resistir. Filmes são feitos às pressas, pobres de técnica e arte, com o único fim de, sob qualquer título carnavalesco, atrair o público amigo de Momo, que é o único que não pode ser acusado de inimigo do cinema nacional. Inicialmente se pediu ao público que prestigiasse o dito, que só prestigiado nas bilheteria poderia triunfar. O público compareceu, como ainda comparece, com as suas notinhas de dez para um troco miúdo. O cinema nacional foi prestigiado. Resultado: continuaram as aventuras e até agora não apareceu um só filme que pudesse ser chamado de cinema de verdade. Fora dos musicais, das palhaçadas e de alguns outros chutes, pouco foi tentado. E o que o foi, sem benefício para ninguém... público, produtores, atores ou para o cinema brasileiro em geral, que é o maior interessado, uma vez que ainda não justificou o nome.

As poucas tentativas dramáticas até aqui levadas a efeito pelo nosso cinema, só prejuízos deram aos produtores, com algumas exceções. Estas, se não deram prejuízo financeiro, deram-nos de outra espécie, já que nada disseram de positivo sobre a arte cinematográfica.

Em questão de drama, e apesar dos antecedentes, de todo desanimadores, estão em andamento ou já prontas algumas novas realizações. Assim de momento, lembramo-nos de "Estranho Mundo", com Alexandre Carlos; "Mãe", de Afonso Campiglia, com Alma Flora; "Asas do Brasil", com Celso Guimarães e Mary Gonçalves; e na Atlântida, em preparo, "Terras do Sem Fim", baseado no grande romance de Jorge Amado, que rodará sob a direção de Edmo Bernoudy e José Carlos Burle. Resultará esse esforço numa boa série de películas dramáticas, ou em nada? Já "O Cavalo Número 13", com Maria Della Costa, Manuel Vieira e Orlando Villar, abrirá caminho para uma série de filmes esportivos, de ar livre, de movimento? Aguardemos, para ver o resultado. Caso vençam alguns destes filmes talvez se abram novos horizontes à cinematografia nacional, já que os atuais são tão curtos e já por demais explorados. Apesar disso, esses curtos horizontes continuam a ser incansavelmente trilhados, pois são os do lucro certo. "E Com Esse Que EU VOUE", no Rio, e "Esta é Fina", em São Paulo, rivalizam-se na preferência do público, fazendo enorme sucesso de bilheteria. Sucesso, aliás, resultante da curiosidade, na maioria dos casos, se bem que sejam películas bem a gosto do nosso grande público. O mesmo público, no entanto, que saberá prestigiar qualquer coisa séria que venha a ser feita em nosso cinema, como já foi provado no teatro. Gente houve, no teatro, que dava "chanchada" porque era isso o que o público queria... E já está soberbamente provado que assim não é, pois as boas realizações tem sido recebidas, e muito bem, pelo nosso público. Há, porém, quem ainda continue a insistir na mesma tecla, explorando a galinha dos ovos de ouro que são os "musicais". Vem aí um filme improvisado de Souza Barros, "Folias Cariocas", com Lauro Borges, Dercy Gonçalves e Souza Filho, sobre argumento de Celestino Silveira, que, parece, será lançado em março ou abril. Julgamos que, depois de "O Homem que Chutou a Consciência", só mesmo no musical deve a Tapuia tentar qualquer coisa. E o argumento de Celestino Silveira, pelo menos, garante-nos mão experiente. E Alípio Ramos, que também teve prejuízo com "Querida Suzana" (e não podia ser de outra maneira), tentará reabilitar-se com "Aquarela do Brasil", baseado nos sucessos musicais de Ary Barroso.

Nada se pode dizer com certeza sobre o nosso cinema, ou sobre os seus rumos. O americano, por exemplo, tecnicamente perfeito, marcha com a técnica em punho e com a bilheteria no pensamento, esquecendo-se da arte, que afinal, é a base da coisa. Já o europeu, tecnicamente pobre, refugia-se, com inteligência, na arte, e colhe triunfos consecutivos, que o capacitarão a melhorar a técnica. Referimo-nos, é claro, à técnica material. O nosso, também pobre de técnica, e sem conta no banco, em lugar de procurar a arte, procura ainda o sucesso fácil de bilheteria, empunhando o estandarte carnavalesco. Seja como for, 1948 deve decidir qualquer coisa. Ou o cinema brasileiro envereda pelo caminho da seriedade ou descamba definitivamente para o mais desenfreado comercialismo, que é o caminho mais fácil para a completa degradação. Oxalá surja, em outros campos, uma grande bilheteria, fazendo os ventos soprarem em outra feição...

J. ARNALDO

(Especial para A CENA)



# LORETTA YOUNG

LORETTA YOUNG, aparece nesta foto, quando por ocasião da "premiere" de "The Bishop's Wife", era cumprimentada por S. M. a Rainha Mary da Inglaterra, pela sua "performance", nesta nova produção. Em "The Bishop's Wife", cujo título, em português será "Um anjo caiu do céu", a encantadora Loretta tem como galã Cary Grant, secundado por David Niven e Monty Wooley.

## NOSSA CAPA

Deanna Durbin, a popular "estrela" da Universal-International que muito breve nos encantará com a sua linda voz em "Deliciosa Mentira" (Something in the Wind), com Donald O'Connor e John Dall.

### SUMÁRIO

#### COLABORAÇÃO:

"Sera que agora vai mesmo?," por J. Arnaldo, na pág. 3; "Ronaldo Lupo Já Foi à Bahia", reportagem de Armando Migueis, nas págs. 6 e 7; "Amadeo Nazari, Ator Internacional", por Ruggero Jacobbi, nas págs. 14 e 15.

#### REPORTAGEM ESPECIAL:

"Frente a Frente com Dana Andrews", por Luís Serrano, na pág. 10

#### DIVERSOS:

"Vendo a América pela Primeira Vez", por Alida Valli, nas págs. 8 e 9; "Uma Descoberta de Douglas Fairbanks, Jr.", na pág. 11; "E' a Ação que Garante a Popularidade dos Filmes de Mochinho", por Tim Holt, na pág. 12; "Um Grande Produtor que Desaparece", na pág. 13; "COPACABANA, a Primeira Experiência de Carmen Miranda como *Free Lancer*", nas págs. 18 e 19.

#### Cine-Romances:

"Brutalidade" (Início), película da Universal-International, com Burt Lancaster, Charles Bickford e Hume Cronyn, nas págs. 20, 21, 22 e 23; e "A Rua do Delfim Verde" (Início), película da Metro-Goldwyn-Mayer, com Lana Turner, Van Heflin, Richard Hart e Donna Reed, nas págs. 24, 25, 26 e 27.

#### SEÇÕES PERMANENTES:

"Boa Noite", nas págs. 4 e 5; "Melodias Para Você", nas págs. 28, 29 e 30; "Cotações da Semana", na pág. 31.

# A CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Secretário: R. Magalhães Junior. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 2,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 90,00; Semestral (26 números), Cr\$ 45,00. Registrada: Anual, Cr\$ 110,00; Semestral, Cr\$ 55,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 200,00; Semestral, Cr\$ 100,00. Número atrasado, Cr\$ 2,50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Distribuidor de A CENA MUDA em São Paulo: Agência Zambardine, Rua Capim São Paulo, 67. Telefone: 4-1589. Representante em São Paulo para publicidade: Severino Lopes Guimarães, Rua Álvares Penteado, 180, 5.º and. Sala 503. Telefone: 3-2649. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE. Agular Mendonca, 19, West 44th Street, New York City, N. Y. — Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo 34, 2.º andar, Lisboa. AFRICA ORIENTAL POR UGUESA, D. Spanos, Calcutá, Índia. Lufu ngo Marques; 47 RUGUAL, Montevideo & Cia., Constituyente 1746 Montevideo; S. Gersal na ARGENTINA. "Inter-Fronza", Florida, 229, Buenos Aires.

Toda correspondência deve ser enviada ao Diretor.



O cinema nacional, até aqui, quase que se tem limitado às aventuras em busca do lucro imediato. Essas aventuras, em geral, giram em torno do Carnaval, essa grande atração a que o brasileiro não pode resistir. Filmes são feitos às pressas, pobres de técnica e arte, com o único fim de, sob qualquer título carnavalesco, atrair o público amigo de Momo, que é o único que não pode ser acusado de inimigo do cinema nacional. Inicialmente se pediu ao público que prestigiasse o dito, que só prestigiado nas bilheterias poderia triunfar. O público compareceu, como ainda comparece, com as suas notinhas de dez para um troco miúdo. O cinema nacional foi prestigiado. Resultado: continuaram as aventuras e até agora não apareceu um só filme que pudesse ser chamado de cinema de verdade. Fora dos musicais, das palhaçadas e de alguns outros chutes, pouco foi tentado. E o que o foi, sem benefício para ninguém... público, produtores, atores ou para o cinema brasileiro em geral, que é o maior interessado, uma vez que ainda não justificou o nome.

As poucas tentativas dramáticas até aqui levadas a efeito pelo nosso cinema, só prejuízos deram aos produtores, com algumas exceções. Estas, se não deram prejuízo financeiro, deram-nos de outra espécie, já que nada disseram de positivo sobre a arte cinematográfica.

Em questão de drama, e apesar dos antecedentes, de todo desanimadores, estão em andamento ou já prontas algumas novas realizações. Assim de momento, lembramo-nos de "Estranho Mundo", com Alexandre Carlos; "Mãe", de Afonso Campiglia, com Alma Flora; "Asas do Brasil", com Celso Guimarães e Mary Gonçalves; e na Atlântida, em preparo, "Terras do Sem Fim", baseado no grande romance de Jorge Amado, que rodará sob a direção de Edmo Bernoudy e José Carlos Burle. Resultará esse esforço numa boa série de películas dramáticas, ou em nada? Já "O Cavalo Número 13", com Maria Della Costa, Manuel Vieira e Orlando Villar, abrirá caminho para uma série de filmes esportivos, de ar livre, de movimento? Aguardemos, para ver o resultado. Caso vençam alguns destes filmes talvez se abram novos horizontes à cinematografia nacional, já que os atuais são tão curtos e já por demais explorados. Apesar disso, esses curtos horizontes continuam a ser incansavelmente trilhados, pois são os do lucro certo. "E' Com Esse Que EU VOU", no Rio, e "Esta é Fina", em São Paulo, rivalizam-se na preferência do público, fazendo enorme sucesso de bilheteria. Sucesso, aliás, resultante da curiosidade, na maioria dos casos, se bem que sejam películas bem a gosto do nosso grande público. O mesmo público, no entanto, que saberá prestigiar qualquer coisa séria que venha a ser feita em nosso cinema, como já foi provado no teatro. Gente houve, no teatro, que dava "chanchada" porque era isso o que o público queria... E já está soberbamente provado que assim não é, pois as boas realizações teem sido recebidas, e muito bem, pelo nosso público. Há, porém, quem ainda continue a insistir na mesma tecla, explorando a galinha dos ovos de ouro que são os "musicais". Vem aí um filme improvisado de Souza Barros, "Folias Cariocas", com Lauro Borges, Dercy Gonçalves e Souza Filho, sobre argumento de Celestino Silveira, que, parece, será lançado em março ou abril. Julgamos que, depois de "O Homem que Chutou a Consciência", só mesmo no musical deve a Tapuia tentar qualquer coisa. E o argumento de Celestino Silveira, pelo menos, garante-nos mão experiente. E Alípio Ramos, que também teve prejuízo com "Querida Suzana" (e não podia ser de outra maneira), tentará reabilitar-se com "Aquarela do Brasil", baseado nos sucessos musicais de Ary Barroso.

Nada se pode dizer com certeza sobre o nosso cinema, ou sobre os seus rumos. O americano, por exemplo, tecnicamente perfeito, marcha com a técnica em punho e com a bilheteria no pensamento, esquecendo-se da arte, que afinal, é a base da coisa. Já o europeu, tecnicamente pobre, refugia-se, com inteligência, na arte, e colhe triunfos consecutivos, que o capacitarão a melhorar a técnica. Referimo-nos, é claro, à técnica material. O nosso, também pobre de técnica, e sem conta no banco, em lugar de procurar a arte, procura ainda o sucesso fácil de bilheteria, empunhando o estandarte carnavalesco. Seja como for, 1948 deve decidir qualquer coisa. Ou o cinema brasileiro envereda pelo caminho da seriedade ou descamba definitivamente para o mais desenfreado comercialismo, que é o caminho mais fácil para a completa degradação. Oxalá surja, em outros campos, uma grande bilheteria, fazendo os ventos soprarem em outra feição...

J. ARNALDO

(Especial para A CENA)



Bibi Ferreira, que esta semana se apresenta em sua segunda criação na atual temporada do Serrador, "A Pequena Catarina", de Régis Gignoux e Jacques Théry, peça especialmente para rir, em verdadeiro contraste com o papel dramático que criou em "Divórcio".



**ESTRÉLAS E CANASTRÕES**

Bibi Ferreira, Alma Flora e Palmeirim Silva, com a colaboração de Belmira de Almeida, Salú de Carvalho, Renato Restier, Carlos Duval, Valery Martins, Edmundo Lopes e outros, apresentarão amanhã, no Serrador, em "premiere", a deliciosa comédia francesa "A Pequena Catarina", de Régis Gignoux e Jacques Théry. Representada nas principais capitais, "A Pequena Catarina", que em francês se intitula "Le fruit vert", marcou a estreia de Diana Barrymore, filha de John Barrymore, no cinema americano, em divertido filme da Universal.

— Dentro de quinze dias, Dulcina e Odilon reaparecerão no Regina, com Jardel Jercolis Filho, Ribeiro Fortes, Lídia Vani e outros, em "A Águia de Duas Cabeças", de autoria de Jean Cocteau.

— Mesquitinha estreou, com agrado, em "O folgado", de Armando Gonzaga, no Teatro Rival, que ocupará até a volta de Alda Garrido do Sul.

— "Tem gato na tuba", de Freire Junior e Walter Pinto, é a revista que foi escolhida por Dercy Gonçalves para sua reedição no Recreio, com o cômico Arrelia, Rafael Garcia, Walter D'Avila e outros.

— "Beijos, abraços e amor" é o título da revista de Geysa Boscoli e Chianca de Garcia, que inaugurará a temporada de 1948 naquele teatro, sob a direção do realizador de "Sono Carioca" e de "Um milhão de mulheres".

— Jayme Costa está preparando ativamente sua estréia para os primeiros dias de março.

— A senhora Henriette Risner Morineau se apresentará este ano no Ginástico, à frente de um elenco dramático, atualmente em organização.

— Embarcará para Portugal esta semana a companhia de Eva Todor, dirigida pelo escritor Luis Iglézias.

Joracy Camargo, o autor de "Mocinha", a comédia que foi considerada pelos críticos a melhor peça brasileira de 1947. Foi o sétimo, na escala das representações e o terceiro na das arrecadações.



**RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA NOVA TABELA DE DIREITO AUTURAL**

A SOCIEDADE Brasileira de Autores Teatrais enviou uma nota, — a única oficial, à imprensa, fazendo uma comunicação deveras interessante sobre o movimento do direito autoral no teatro, no ano de 1947. Por essa nota, verificamos pela primeira vez uma coisa singular: nem sempre os autores mais representados são os que tiveram maior rendimento. Senão, vejamos. O autor brasileiro mais representado em 1947, no nosso país, foi, em todos os gêneros, o veterano Freire Junior, com 589 representações, vindo em segundo lugar Paulo de Magalhães com 585 representações, em terceiro J. Maia, com 573, em quarto, Chianca de Garcia, com 572 e em quinto Luís Iglézias, com 439. Entretanto, pouco de parte o aspecto puramente numérico, que é hoje o menos importante, — e encarando-se o da arrecadação dos direitos autorais, o volume da receita produzida pelo conjunto de obras de cada autor, verificamos que o campeão dos campeões foi o sr. Chianca de Garcia, que embora em quarto lugar no quadro numérico, está em primeiro no quadro financeiro. O sr. Geysa Boscoli, o sétimo do quadro numérico, e o segundo do quadro financeiro. Mas o caso mais interessante é o do sr. Joracy Camargo, — porque boie apenas com a comédia, — em confronto com o do sr. Paulo de Magalhães, que é o segundo, no quadro numérico geral, logo abaixo do sr. Freire Junior. Tenha ficado colocado em nono lugar no quadro numérico, o sr. Joracy Camargo e, entretanto, o terceiro na tabela das altas arrecadações, ao passo que o sr. Paulo de Magalhães passa a ser o sétimo! Que quer isso dizer? Apenas que, com 369 representações, tão somente, o autor de "Deus lhe pague" teve receita muito superior a do autor de "Escandalosa", que logrou o segundo lugar, com 585. A diferença de receita apurada entre os dois é tão sensível que o sr. Joracy Camargo teria conseguido empatear-se ao sr. Paulo de Magalhães mesmo apenas com 284 representações, ou seja, com um quarto menos, ao passo que o último só teria alcançado as rendas do festejado comediógrafo de "Mocinha" se tivesse logrado a soma de 738 representações!

Tudo isso resulta da aplicação de um critério mais justo e equitativo, na cobrança do direito autoral. Pela tabela antiga, não importaria a renda que tivessem produzido as peças de um e de outro. O direito era pago em base fixa, — e o sr. Paulo Magalhães manteria o segundo lugar em ambos os quadros. Mas, agora, esse direito é cobrado em base percentual (10%) em todos os grandes centros do país. Assim, um autor que desperta maior interesse por parte do público, que logra melhores críticas, que movimenta com mais intensidade as bilheterias, que dá mais dinheiro a ganhar aos empresários, recolhe necessariamente melhores proventos do que aqueles que não conseguem se colocar no mesmo nível de agrado. Portanto, o importante, hoje, para um autor, não é ser mais representado, mas "melhor remunerado", — o que só consegue quando seus trabalhos são mais remuneradores para os empresários.

JOAO JOSE'

## ASTROS E NEBULOSAS

Os ladrões lembraram-se de Sagramor de Scuvero, visitando seu escritório instalado no Teatro Carlos Gomes. Segundo queixa da vítima, os amigos do alheio lhe causaram um prejuízo orçado em nove mil cruzeiros, carregando objetos que se destinavam aos pobres socorridos pela conhecida radialista.

— Depois da celeuma provocada pela vitória de "Tem gato na tuba", o povo resolveu tomar conhecimento de outra composição que não figurou no concurso da Prefeitura, cantando-a no carnaval. Foi "Rosa Maria", gravada por Gilberto Alves. Outra composição que fez sucesso foi "Cadê Zazá".

— Cesar Ladeira, fugindo ao "espeto", apresta-se para deixar o microfone PRA-9, depois de longos anos de atividade. Segundo tudo indica, o vitorioso locutor ingressará no "cast" da Rádio Nacional, onde já se encontram Aurélio de Andrade, Saint-Clair Lopes, Celso Guimarães e Cesar de Alencar.

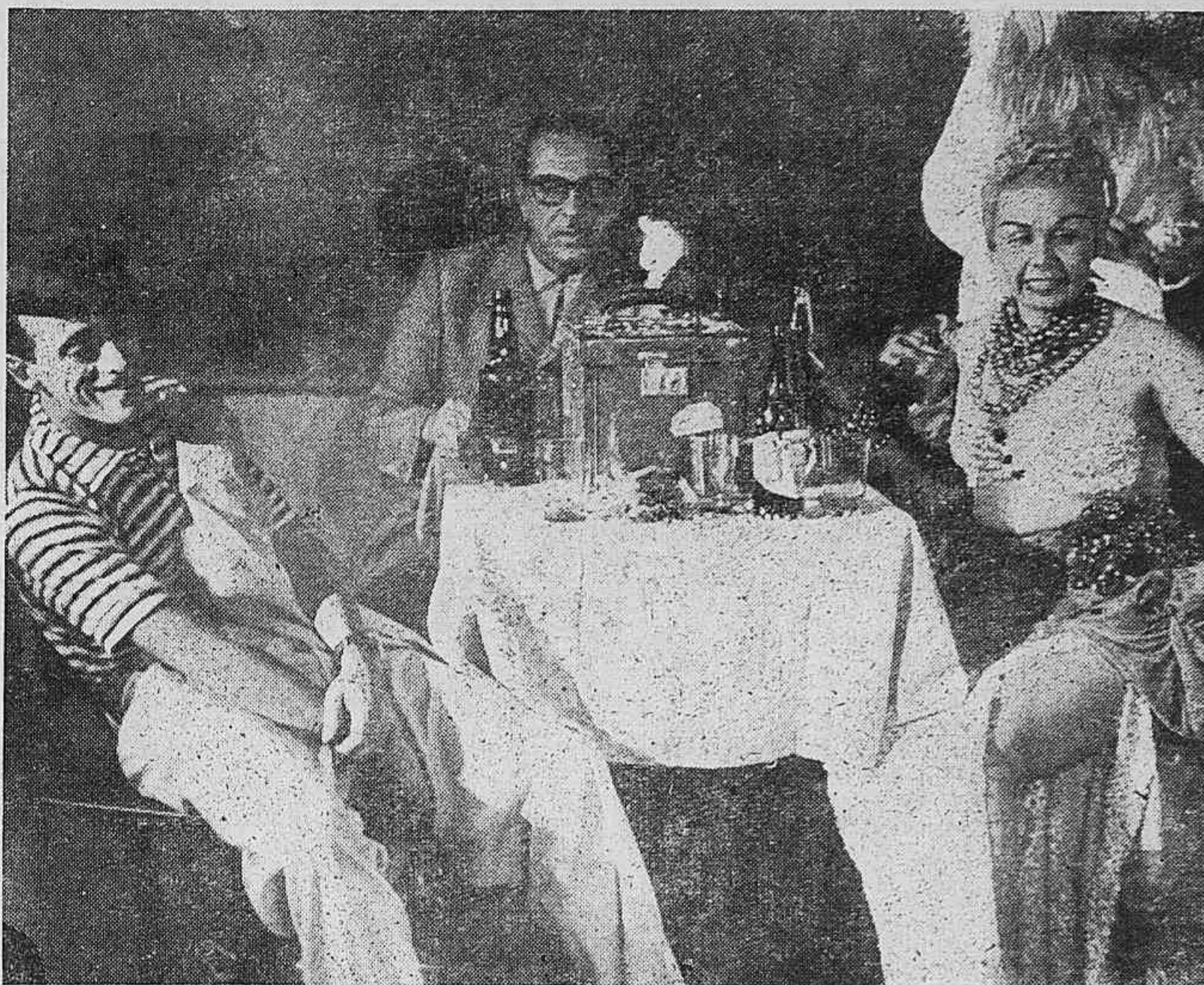


Sagramor de Scuvero recebeu há dias uma "homenagem" dos amigos do alheio. Seu escritório foi visitado pelos ladrões, resultando disso um prejuízo de nove mil cruzeiros.

— A Rádio Globo continua reforçando seu quadro de locutores. Depois da aquisição de Mario Mansur, a PRE-3 foi buscar Jonas Garrett. Trata-se de um elemento de valor, até há pouco atuando na Mayrink Veiga. Fala-se ainda, no contrato de Afranio Rodrigues, presentemente na PRE-8.

— Jararaca e Ratinho estão em São Paulo, atuando em rádio, circo e "boites"... Paulo Gracindo não terminou suas férias... Geraldo Trindade está prestes a chegar do Canadá... Ronaldo Lupo continua à margem das atividades radiofônicas... Edson Lopes, que aparece no cinema em "O cavalo número 13", assinou contrato com a Cia. Chianca de Garcia... Silvio Caldas voltará ao microfone Tupi.

— Lourdinha Bittencourt, estrela do rádio e do cinema, classificou-se em segundo lugar no baile do Municipal... Altino Pimenta, pianista dos mais conceituados de nosso meio artístico, assinou contrato com a Rádio Guanabara... Diva Paulo, orientadora dos pro-



Aqui está uma cena do novo filme nacional, "Folhas Cariocas", cujo enredo foi escrito pelo radialista Celestino Silveira e que tem, entre os intérpretes, ao lado de Dercy Gonçalves e Silva Filho, o radialista Lauro Borges.

gramas infantis da Roquete Pinto, fundou um clube juvenil, reunindo os ouvintes de "Brinquedos"...

— "Serestas", programa que reúne Jorge Goulart, Oswaldo Borba, Abel e seu conjunto, é o mais recente lançamento da Rádio Globo. Transmitido às quartas-feiras, às 21,35 horas, focaliza os grandes sucessos de outrora.

— Voltam a circular boatos de que Carmen Costa se acha em situação difícil, é a notícia

que nos chega dos Estados Unidos. A artista patricia estaria a reclamar os bons ofícios da A. B. R., uma vez que se encontraria em terra estranha, lutando com uma série de dificuldades. Será verdade, desta vez? Ou uma nova balela?

— Acha-se entre nós a vitoriosa cantora Alba Mary, intérprete de música internacional. A PRE-8 está interessada no seu concurso.

## PARA VARIAR...

**T**UDO corre às mil maravilhas... Não existe nenhuma polêmica entre os comentaristas radiofônicos. Agora mais do que nunca, eles passaram a se admirar mutuamente, como se o meio fosse um verdadeiro céu cor de rosa... Não se discute mais a fundação da Associação de Cronistas Radiofônicos, nem se procura criar obstáculos ao Club dos Locutores que, graças a Deus, morreu sem novidade... Não se combate mais aquele incrível locutor da "sapataria que mais caro vende", porque resolveu procurar outro ofício, deixando o microfone em paz... Não se ataca o galã que distribua fotos autografadas desperdiçando dinheiro com uma excessiva propaganda pessoal, nem tampouco se dá importância às "realizações" da infelicíssima Vera-Cruz... Isto porque, já se pode ouvir Hélio Pinheiro narrando com muita personalidade, alguns dos interessantes programas da PRE-8 ou ouvir Rodolfo Mayer valorizando uma das muitas novelas irradiadas por essa estação... Na Mayrink Veiga, é fácil escutar uma soberba audição da "Biblioteca do ar" ou uma agradável interpretação do "Quarteto de Bronze", sem esquecer os programas de Fernando Barreto e os recitais de Paulo Fortes... Na Tupi "bebe-se" com os ouvidos a palavra acalorada de Carlos Frias lendo o obrigatório "Boa-noite para você", quando não encontramos Gilberto Alves interpretando todo um repertório de escolhidas melodias... Voltando à Nacional, divertimo-nos com as pilhérias de Lauro Borges e Castro Barbosa, inegavelmente os maiores humoristas do "broadcasting" brasileiro... Na Globo, saboreia-se a agradável palestra de Alvaro Moreyra e distrai-se o espírito com as audições do pianista Oswaldo Borba, além dos agradáveis momentos que nos são proporcionados pela voz de Alcides Gherardi.

Nesse passo, o rádio vai indo bem... Só uma coisa não está certa. É aquele programa do "fessô" Zé Bacurau ao microfone da Rádio Guanabara. Mas sempre existe uma peninha para atraparlar...

A. MIGUEIS



Ao alto: no cais da cidade do Salvador, diante dos saveiros. Em baixo: Ronaldo Lupo examina os potes da Bahia, obra de oleiros rústicos da terra de Dorival Caymmi.

## RONALDO LUPO JA' FOI À BAHIA!

**NÃO SE ALTERA COM A INDIFERENÇA DAS GRANDES EMISSORAS CARIOCAS, POIS É FIGURA POPULAR EM TODO O NORDESTE E ARTISTA DE CARTAZ NO SUL — ETERNO ENAMORADO DA BOA TERRA, CONQUISTOU AS FÃS BAIANAS E REZOU AO SENHOR DO BONFIM**

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS

(Especial para A CENA)

**A** CHAMO-NOS em presença de um artista que as grandes emissoras fingem ignorar. Todas as tentativas para a conquista do lugar merecido, uma vez que lhe sobram qualidades para triunfar, têm redundado em completo fracasso, motivo de suas peregrinações pelo interior do país, onde sua arte é melhor compreendida. Espírito folgazão, sorrindo à indiferença dos «poderosos» e fugindo ao apadrinhamento, Ronaldo Lupo vai conquistando popularidade por esse Brasil afora. Para tanto, basta seu material de voz, sua boa interpretação e

os números que compõem seu variado repertório. Pois um dia a Cidade Maravilhosa se lembrará dele.

Ronaldo Lupo é paulista e sua pronúncia denuncia ser filho de rumenos. Irmão do saudoso Roberto Lupo, o galã de «Alma e corpo de uma raça», nem por isso se interessou pelo cinema. Preferiu o canto, escolhendo a cançoneta, gênero pouco explorado entre nós. Foi feliz na escolha, dada a aceitação do público para os números que frequentemente interpreta. Dentre esses, figura «Será ou não será», melodia bre-



jeira que se tornou obrigatória em todos os seus recitais de canto. Antes dessa composição, Ronaldo abafou com «Madalena», canção que fez furor em Pernambuco, a ponto de ser executada em todos os bailes e na emissora local.

O cantor patricio raramente é encontrado no Rio. Seus compromissos com as estações nordestinas o obrigam a longa ausência da Capital da República. Lá fora, entre suas melodias preferidas, suas interessantes orquestrações e o público que muito o estima, vive a existência desejada, à espera de que o «broadcasting» carioca lhe proporcione a «chance» há muito ambicionada. «Chance» que não tardará, uma vez que os dirigentes da radiofonia brasileira já possuem melhor visão, não mais se deixando ludibriar pelos bate-dores de chapéu de palha...

Ronaldo Lupo, no momento, está sendo cobçado pelo cinema. Importante produtora deseja apresentá-lo na tela, vivendo papel de responsabilidade. Tudo depende de sua resposta. Caso favorável, lhe caberá fazer o galã, uma vez que seu porte é bastante indicado para tal. Ronaldo, porém, hesita. Prefere o microfone. Neste, o intérprete de «Zum-zum» se sente à vontade, não receando desagradar ao público. Frente à «camera» a situação muda de figura... E o artista continua pensando...

Certo jornalista baiano, apreciando os méritos de Ronaldo Lupo, garantiu ser um elemento de acentuadas qualidades artísticas, cuja popularidade, na Bahia, é qualquer coisa de invulgar. E o escriba, noutra interessante crônica, achou o artista preciso na sua interpretação, afirmando serem notórios os benefícios adquiridos pelo vitorioso «chansonier» brasileiro com os maiores professores na arte do bel-canto.

Admirado como cançonetista, intérprete de números que se tornaram popularíssimos no Nordeste, Ronaldo Lupo chamou a atenção do público para sua arte. Aparecendo ao lado de Araci Côrtes, numa revista de sentido humorístico, entusiasmou a platéia, dada a brejeirice do número que cantava. Todas as noites, contrariando a vontade do empresário, ele via-se obrigado a bisar a cançoneta que cantava. Idêntico fato repetiu-se quando de sua temporada no Cassino Atlântico, onde teve oportunidade de reviver engraçadíssimas composições, todas dentro do gênero que escolheu para vencer no meio artístico do Brasil. Ainda na Rádio Clube do Brasil, quando da saída de Renato Murce, Ronaldo Lupo viu confirmar-se sua popularidade como «chansonier». «Tic-tic-tac», curiosa e interessante cançoneta, constituiu o «hit» de sua temporada. Não houve um só programa em que ele não fosse forçado a interpretá-la, a fim de satisfazer a vontade dos ouvintes e do próprio patrocinador do programa.

Antes de travar contacto com o microfone, nosso focalizado pisou o paico. Integrou o elenco de duas vitoriosas companhias. A primeira, estrelada pela simpática Araci Côrtes. A segunda, encabeçada por Suzana Negri. Esta, dissolveu-se no Rio Grande do Sul, ficando Ronaldo Lupo em situação difícil, uma vez que não dispunha de recursos para imediato regresso. Foi quando lançou mão do rádio, intervindo nas transmissões do programa «Alegrias no ar», irradiado pela Difusora Gaúcha, sob a direção do conhecido ator Augusto Anibal. Nesse período nasceu o interesse do cantor pelo microfone. Tudo lhe parecia facilíssimo, embora o «broadcasting» sulino ainda fosse uma aventura.

Na feira, diante de um vendedor de saborosos ananazes.



Ao alto: Ronaldo Lupo comendo um vatapá na barraca de uma baiana. Em baixo: saindo da Igreja de Conceição da Praia, aliás em boa companhia...

Por isso, tão logo arranhou recursos para viajar, Ronaldo Lupo demandou em busca do Rio.

Dizer-se o que tem sido a luta do admirado «chansonier» na terra carioca é tarefa das mais ingratas. Sua voz agradável, seu porte elegante, sua maneira fina de tratar, abriram-lhe as portas dos cabarés da Lapa. Só mais tarde, no período em que o jôgo predominava no Rio, foi que o Cassino Atlântico interessou-se pelo seu concurso. Nessa «bolte», sofrendo

a concorrência dos «astros» internacionais, manteve-se até a sanção do decreto que extinguiu a jogatina em todo o território nacional. Depois, acompanhando o rumo de outros colegas de profissão, bateu às portas do rádio. Má vontade, desinteresse, inveja, foi o que encontrou. Resolveu, então, viajar. Foi bem sucedido, tornando-se verdadeiro caixeiro-viajante da música. Já percorreu

.Cont. na pág. 82)

# VENDO A AMERICA PELA PRIMEIRA VEZ

Por ALIDA VALLI

("Estrêla" do filme da RKO Radio,  
"O Milagre dos Sinos")

**T**ANTA coisa tem acontecido desde que cheguei aos Estados Unidos, que parece que foi há muitos anos, quando, em Janeiro de 1947, meu marido, eu e Carlo, nosso filhinho, contemplamos pela primeira vez a cidade de New York, do tombadilho do "Queen Elizabeth".

Era difícil acreditar nas histórias que os soldados norte-americanos nos contavam na Itália, mas agora estou começando a compreender.

Lembro-me de que meu marido (ela é casada com o pianista Oscar de Mejo) e eu ficamos realmente de boca aberta, quando nos extasiávamos com o formidável espetáculo dos arranha-céus de New York. Ficamos olhando, sem dar uma só palavra. Parecia-nos então que começavam a se realizar, com aquela visão, todos os sonhos que alimentávamos, quando tivemos que viver escondidos, na terrível época da guerra, em que a Itália viveu sob o domínio nazista, de incrível brutalidade.

Passamos alguns dias em New York, infelizmente, porque tínhamos que ir logo para Hollywood, onde eu ia tomar parte na película "The Paradine Case", de David O. Selznick, filme que seria a minha estréia nos Estados Unidos, depois de ter aparecido em 34 fitas no meu país, entre as quais "Piccolo Mondo Antico" (Pequeno Mundo antigo), que me valeu no Festival de Veneza, o título de "melhor atriz do ano". Esse filme chamou a atenção dos produtores "yankees" sobre a minha pessoa.

Deixando New York e sua grandiosidade espetacular, viajamos de trem para conhecer, de passagem, toda a América do Norte, essa vasta extensão de opulentas terras, passando por Chicago, atravessando Nebraska e New Mexico, por planícies imensas e majestosas montanhas. Iamos vendo, e nunca nos cansávamos de ver as terras americanas!

Chegando à California, tivemos a impressão de que víamos o fim de um arco-iris, pois deparávamos com um lugar onde havia de tudo... Grandes bifes sangrentos, música maravilhosa, peças de teatro, magníficos cinemas, lojas enormes em quantidade, onde a gente encontra tudo o que quer... Enfim, era tudo tão diferente da Itália, desmantelada pela guerra, e com seu povo à mingua...

Em Hollywood, descubro algo novo todos os dias, como por exemplo, a possibilidade de nadar nas águas azuis do Pacífico pela manhã e à tarde, a algumas milhas de distância praticar o "ski", mesmo em pleno verão! Outra coisa que me fascina é o jogo de golf, que estou aprendendo, ademais do suprémo sport feminino, que é a arte de cozinhar, a qual também estou praticando, seguindo receitas novas, em nosso belo apartamento em Hollywood Hills.

Não me foi difícil aprender o inglês, porque tive a oportunidade de praticar com os soldados norte-americanos que estavam estacionados na Itália, nos espetáculos em que eu aparecia para entretenimento deles. Assim, já dispunha de uma boa prática quando cheguei a este lado do Atlântico, e desde minha chegada tenho continuado a estudar, a ler e a escrever. Aliás, o primeiro livro que li foi "Miracle of the Bells" (O Milagre dos Sinos), de Russel Janey, e fiquei entusiasmada com a personagem "Olga", a pobre moça que se torna uma grande artista de cinema.

Não sei explicar porque, mas tive então o pressentimento de que algum dia interpretaria

A esquerda: Fred MacMurray e Alida Valli, linda atriz italiana, formam o par romântico de "O Milagre dos Sinos" (The Miracle of the Bells), emocionante história do maior correspondente de imprensa do mundo. Valli, considerada "a mais bela atriz da Europa", é contratada de David O. Selznick, estando emprestada à RKO. A direita: os três astros de "O Milagre dos Sinos" (The Miracle of the Bells), que Jesse Lasky e Walter MacEwen estão produzindo para distribuição RKO Radio, mostram o seu bom apetite durante um intervalo de filmagem. Vemos Alida Valli, a sensação italiana, oferecendo sanduíches a Frank Sinatra e Fred MacMurray



# FRENTE A FRENTE COM DANA ANDREWS

E' AGORA O GALÁ DE JOAN CRAWFORD EM "DAISY KE-  
NYON", DA 20TH CENTURY FOX

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de A CENA, em Hollywood)

Diz Dana Andrews: — Sou mississipiano de nascimento, texano de coração e ator por inclinação. E nunca dei o menor passo à frente, na vida, sem grandes dificuldades. Só depois de sete anos na Califórnia foi que consegui a primeira oportunidade no cinema. Foram sete anos difíceis, nos quais trabalhei primeiro num posto de gasolina e depois como vendedor de petróleo.

Passei a infância perambulando de um lugar para outro, conforme as necessidades da profissão de meu pai, que como você sabe era pastor protestante. Foi por isso que estudei numa quantidade enorme de escolas, cada uma numa cidade, terminando em Huntsville. No curso superior, que terminei em Huntsville, dediquei-me principalmente à psicologia, leis e inglês. Anteriormente, minhas atenções estiveram voltadas para o drama, oratória e futebol. Inicialmente estava decidido a ser ator, mas depois resolvi dedicar-me ao canto, ópera ou concerto. Imagine quanta diferença no resultado. Em 1928 e 29 economizei mil dólares para uma viagem a Nova York. Queimei o cobre em quinze dias e voltei para casa inteiramente falido... Mas que foi uma boa farra, foi!

Em 1930, arranjei emprego na contabilidade de uma companhia petrolífera de Houston, Texas. No ano seguinte passei a contador de uma outra firma, em Austin. Mas no fim do ano partí para Los Angeles, disposto a me tornar cantor ou ator de cinema; acabei num posto de gasolina em Van Nuys (subúr-

bio de Los Angeles). Em 1935 dois amigos resolveram financiar-me como cantor. Depois de dois anos de agonias um empresário, que me ouviu cantar, perguntou-me se não sabia representar. Eu disse que não e fui aconselhado a procurar a Pasadena Playhouse, para aprender. Comecei com papéis mudos em Shakespeare; mas depois comecei a poder falar em cena, o que já era um progresso. Em 1938 fui visto por um agente de Samuel Goldwyn, e em Dezembro do mesmo ano assinei meu primeiro contrato. Como Goldwyn não tivesse papéis para mim, continuei na Playhouse ainda por mais um ano. Foi quando consegui melhores papéis, conseguindo também um pouco da atenção do público e da crítica. Meu primeiro desempenho cinematográfico foi uma ponta em "The Westerner", um filme de Gary Cooper para Goldwyn. Em 1940 fizeram um acordo mediante o qual eu dividiria a minha atividade entre Samuel Goldwyn e a 20th Century-Fox. Aí, então, comecei a progredir, sendo que ainda não estou completamente satisfeito com a subida... quero subir mais um pouco.

Aqui, Dana acende um cigarro e acrescenta: — Não era isso o que você queria?

Era, de fato, mas não tão resumidamente. Por isso perguntei-lhe pelas preferências nas várias coisas que em geral chamamos de distrações. Respondeu: — Prefiro Dickens, Shakespeare, o Concerto n.º 2 de Rachmaninoff,

(Continua na pág. 34)

Em cima: Dana Andrews, no jardim de sua residência, brincando com um de seus filhos. Em baixo: Dana Andrews falando a Luís Serrano, no estúdio da 20th Century Fox, em Hollywood.



*Paule Croset costuma ser visitada pelo Rev. Alexander Campbell, reitor da Igreja Episcopal de St. David, frequentada por ela, e sua família.*

★

Paule Croset é uma descoberta de Douglas Fairbanks Junior, que patrocinou sua apresentação em um filme da Universal-International, há pouco terminado. Nesse filme, "O exilado" (The Exile) estão Douglas Fairbanks Jr., Maria Montez e Paule Croset, que é uma encantadora lourinha e cuja estréia cinematográfica, nessa película, promete ser sensacional. Para começar, Maria Montez agastou-se com a importância do papel dado a ela e acionou a Universal... Paule Croset, pequena cujas qualidades plásticas a indicam para o triunfo cinematográfico, faz em "O Exilado" um importante papel, o de uma camponesa enamorada de um espadachim, que é Douglas. Paule saiu recentemente de Hollywood em excursão artística, uma das mais extensas já planejada para uma novata. Além de servir essa excursão para a propaganda de "O Exilado", teve ainda o objetivo secreto de tirar a limpo, para a Universal-International, o gosto do público quanto à discutida moda das salas compridas.

As malas de Paule saíram de Hollywood repletas de vestidos dos mais variados comprimentos, que foram usados nas várias cidades programadas sob a cuidadosa fiscalização de um entendedor, encarregado de anotar a reação do público a cada comprimento de saia. Os resultados da pesquisa permanecem ainda em segredo... verdadeiro segredo de estado-maior.

Falando em vestidos, basta um pulinho para chegarmos ao gosto de Paule Croset em matéria de roupas. Já que os costumes estão de volta, vejamos o que Paule acha deles. Pre-

★

*Embora seja uma boa pianista, não foi ao teclado que Paule se fez notar. Mas mesmo que não soubesse tocar, ela ficaria bem ao piano...*

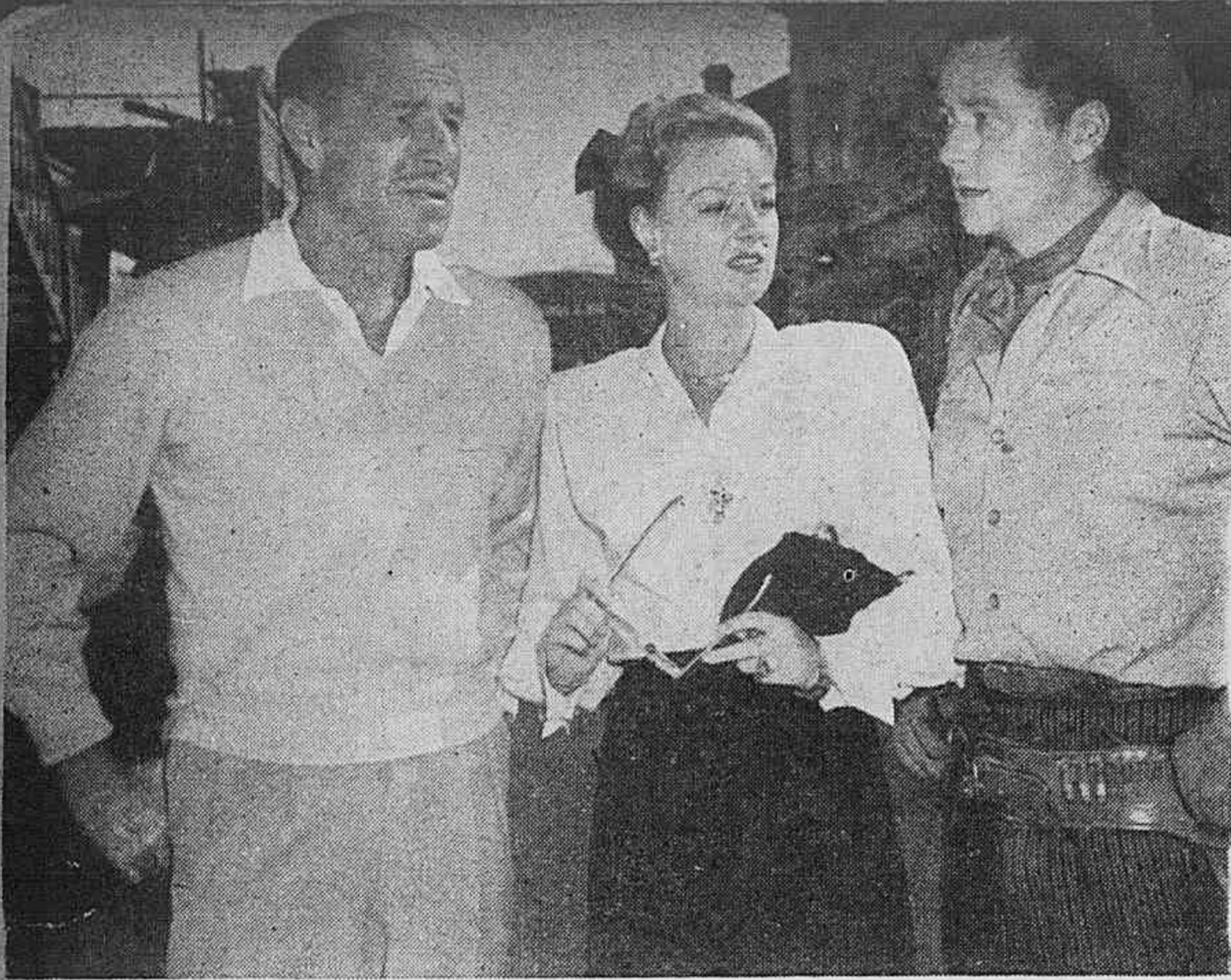


## UMA DESCOBERTA DE DOUGLAS FAIRBANKS JUNIOR QUEM É PAULE CROSET, UMA DAS SUAS COMPANHEIRAS EM "O EXILADO"

fere-os de gabardine, pela facilidade que oferecem na combinação de saias e casacos de cores diferentes. Seu orgulho atual é um costume bege... de gabardine, é claro... que combina perfeitamente com o louro dos seus cabelos e com a graça do seu corpinho maravilhoso.

Para ser escolhida para "O Exilado", Paule concorreu com cento e quarenta moças, todas entrevistadas por Douglas Fairbanks Jr. Dêse

número trinta e cinco foram submetidas a testes cinematográficos, saindo vencedora Paule, que foi imediatamente contratada por longo tempo pelo novo ator-produtor. "O Exilado" é o seu primeiro trabalho no cinema, e não temos dúvidas de que com tanta graça e beleza Paule triunfará... A propósito, Croset pronuncia-se Crouzei. E ficamos também sabendo que Paule é uma perfeita *Sweater-girl*...



Por TIM HOLT

(Artista da RKO Radio)

mar a base dos diálogos destes filmes. Sentenças fáceis de se dizer e fáceis de se entender. Nada de complicações linguísticas para cima das platéias... Isto, em minha opinião, é tolice... E não me incomodo com a espécie de público que assista às minhas películas, pois sei que seja ele qual for ficará bastante aliviado vendo a ação dominar. Nenhum admirador de filmes de mocinho sai do cinema imaginando o que terá acontecido e a quem. Como já disse, a ação fala mais alto do que qualquer espécie de palavreado.

Algumas vezes já tenho descalçado as minhas botas de monta-

ria para trabalhar em outros tipos de películas, mas fico sempre contente quando posso calçá-las de novo para voltar aos cavalos e aos revólveres.

E novamente peço que não me compreendam mal: não sou de maneira alguma contrário a outros tipos de filmes. Apesar, penso que eles bem poderiam aprender uma coisinha ou duas dos caluniados dramas do oeste.

Talvez o velho Shakespeare estivesse com a razão quando disse que a arte devia ser um espelho da natureza. Seja como for, minha sugestão aos escritores de qualquer espécie de cinema é essa: "Faça da ação o principal".

## «É A AÇÃO QUE GARANTE A POPULARIDADE DOS FILMES DE MOCINHO»

**É** Como disse um velho filósofo chinês: "As ações falam mais alto do que as palavras". Assim também acontece nas fitas de mocinho... não é o diálogo mas sim a ação que garante a sua popularidade.

Acho que posso falar no assunto com alguma autoridade, uma vez que já tomei parte em 33 películas repletas de tiroteios, xerifes, ladrões de gado e bandidos em geral. Este número inclui "The Arizona Ranger, meu filme atual, produzido pela RKO Rádio, em que co-estrela com um dos antigos favoritos do gênero: Jack Holt, um grande sujeito que acontece ser meu próprio pai.

Agora, não me compreendam mal: o diálogo tem uma importante função na formação de uma boa fita de mocinho. Junte-se, porém, meia-duzia de tiroteios, algumas brigas corpo a corpo e algumas quedas espetaculares de cima de um cavalo e duvido muito que não tenha uma boa arrecadação nas bilheterias.

Por outro lado, algumas sentenças simples bastam para for-

*Ao alto — Quando Tim Holt estava filmando "Under Arizona Skies" recebeu a visita do pai, Jack Holt, e da irmã, Jennifer. Agora, pela primeira vez na história do cinema, aparecem pai e filho numa fita, "The Arizona Ranger" da RKO. Em baixo; — Tim Holt, veterano dos filmes de mocinho, gosta da sua especialidade por causa da ação ilimitada. Tim Holt está fazendo agora a sua 33.ª película no gênero, "The Arizona Ranger", para a RKO Rádio.*





Ao alto: O grande produtor recentemente falecido com o "announcer" esportivo Jay C. Flippen, que faz sua estréia no cinema em "Brutalidade" (Brute Force), no papel de um guarda da prisão, vendo o trabalho do estreiante, através de um pedaço da película. Em baixo: Mark Hellinger e sua esposa, no "set" de "Brutalidade (Brute Force)".

## UM GRANDE PRODUTOR QUE DESAPARECE

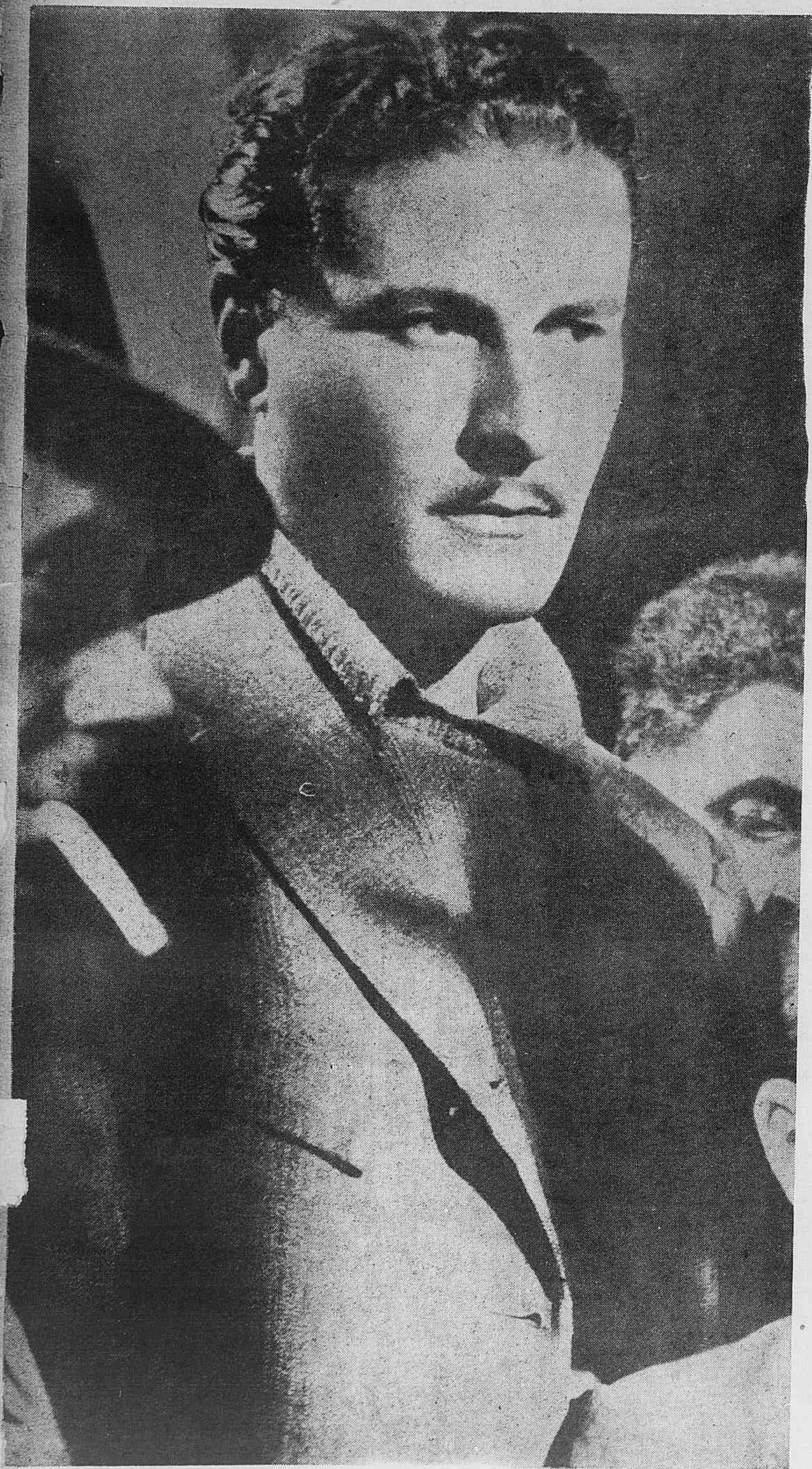
### A MORTE DE MARK HELLINGER

O produtor de um filme, geralmente é um desconhecido do público. Seu nome passa despercebido de todos nos letreiros iniciais de cada película, como já passou durante muitos anos o nome do diretor. Entretanto, o produtor do filme, embora não pareça, é a espinha dorsal de cada celuloide. Não só porque o financia, mas porque dele depende, antes de qualquer outro elemento inclusive o valor do argumento e a popularidade dos interpretados — a qualidade do filme, artisticamente falando. Não basta um bom argumento, grandes atistas e um grande diretor para realizar um grande filme, — é preciso que o produtor tenha bom gosto, entenda de cinema, colabore com aqueles que escrevem, dirigem e interpretam a película. Há os produtores-diretores, os produtores-artistas, os produtores associados, o produtor revolucionário (Orson Welles) e o produtor apenas produtor. E entre eles, os produtores que visam somente ganhar dinheiro e os produtores que não pensam apenas na bilheteria. São estes últimos produtores que fazem o cinema caminhar para a frente, descobrindo horizontes novos nesta

arte de horizontes ilimitados, que ainda está praticamente em sua infância, embora já tenham decorrido cinquenta anos desde que o gênial Georges Méliès deu-lhe a maioridade artística... Muitos produtores chegam até a escrever pessoalmente seus filmes e até os dirigem como David O. Selznick, filho de outro Selznick produtor famoso. Jacques Tourneur jamais se revelaria o grande cineasta que se revelou, se os filmes que lhe deram fama não tivessem sido produzidos por um Val Lewton. Foi um desses produtores cujo nome prestigia o filme que financiam, que Hollywood vêm de perder — Mark Hellinger. A morte de Mark foi uma rude perda para o cinema americano. Mark Hellinger nos deu muitos filmes de valor na Warner Brós, na 20th-Fox e por último na Universal-International. Foi ele quem produziu "Aquela mulher", de Marlene, Edward G. Robinson e George Raft; "Seu último refúgio", de Humphrey Bogart e Ida Lupino, "Dentro da noite", da mesma dupla, Ann Sheridan e George Raft; "Brumas", o primeiro filme americano de Jean Gabin com Ida Lupino; "Um passo além da vida" (a se-

(Continua na pág 32)





## AMEDEO NAZZARI, ATOR INTERNACIONAL

O intérprete de "O Bandido" e de "O cavaleiro do Sonho" estudou com afinco, para adquirir o direito de usar sua própria voz no cinema — Está, agora, colaborando na cinematografia argentina

Por RUGGERO JACOBBI  
(Especial para A CENA)

O Brasil acaba de "descobrir" Amedeo Nazzari, graças à sua esplêndida atuação no filme "O bandido". Este ator italiano, porém, não é nenhum novato; aliás, quando da primeira exibição do filme de Lattuada, na Itália, houve quem achasse que a interpretação de Nazzari marcava a decadência do artista! Nazzari, disseram, envelheceu — não tem mais a idade para ser um galã aceitável; e, talvez, esteja condenado a papéis de vilão. Tudo isso constitui um exagero evidente. O público de diversos países está reconhecendo, pelo contrário, a completa maturidade artística do ator. Lembramos a opinião daqueles hipercríticos apenas para demonstrar, de um modo tangível, que "O bandido" não é uma revelação improvisada e sim a culminância de uma carreira artística bem longa e que já conta com uma grande série de sucessos.

O descobridor de Nazzari foi o diretor cinematográfico Carlo Lodovico Bragaglia, irmão do famoso "régisseur" de teatro, Anton Giulio Bragaglia, que os brasileiros já tiveram ocasião de aplaudir. Carlo Lodovico escolheu Nazzari para o papel de um operário no filme "La fossa degli angeli", descrição realista da vida dos marmoristas de Carrara. O sucesso do novo ator foi imediato. Mario Bonnard contratou-o como protagonista de um filme histórico sobre a revolução francesa, "O conde de Brécharde". Mas aqui começaram as dificuldades. A fotogenia e a naturalidade de Nazzari eram algo espantoso; a voz, porém, pertencia ao tipo de que os técnicos de rádio dizem que "vai quebrar o microfone", e a maneira de pronunciar o italiano ressentia-se enormemente do dialeto originário de Nazzari (ele nasceu na Sardenha). Isso não constituiria nenhum obstáculo no filme de Bragaglia, devido à natureza mesma do papel. Mas agora era preciso dar a Nazzari uma voz malgrado os protestos do artista, que é bastante genioso, a empresa produtora contratou Gino Cervi para "dublar" o novo galã.

Nos anos seguintes, a popularidade de Nazzari foi aumentando continuamente, sobretudo depois do filme "Cavalleria", que, aliás, é ainda hoje um dos pontos altos da produção italiana. Nazzari recebia milhares de cartas dos fãs, escolhia os papéis à vontade, chegava até a impôr suas idéias aos diretores, e certa vez abriu um escritório no intento de escolher entre as obras de literatura e de teatro, ou simplesmente entre as idéias aproveitáveis para cinema, os argumentos de seus filmes. Em suma, gozava de uma autoridade incomparável. Só numa coisa os produtores não deixavam à vontade o artista: a dublagem continuava, apesar de Nazzari estar fazendo o diabo para evitá-la. Ele chegou a fazer exercícios vocais como um estudante de canto, e gastou milhões de liras em lições de arte dramática. Afinal, a oportunidade que esperava surgiu, no filme "Montevergine", em que desempenhou o papel de um imigrante italiano na Argentina. O filme ganhou a Taça de Ouro no Festival de Veneza, e desde então Nazzari passou a representar com sua própria voz.

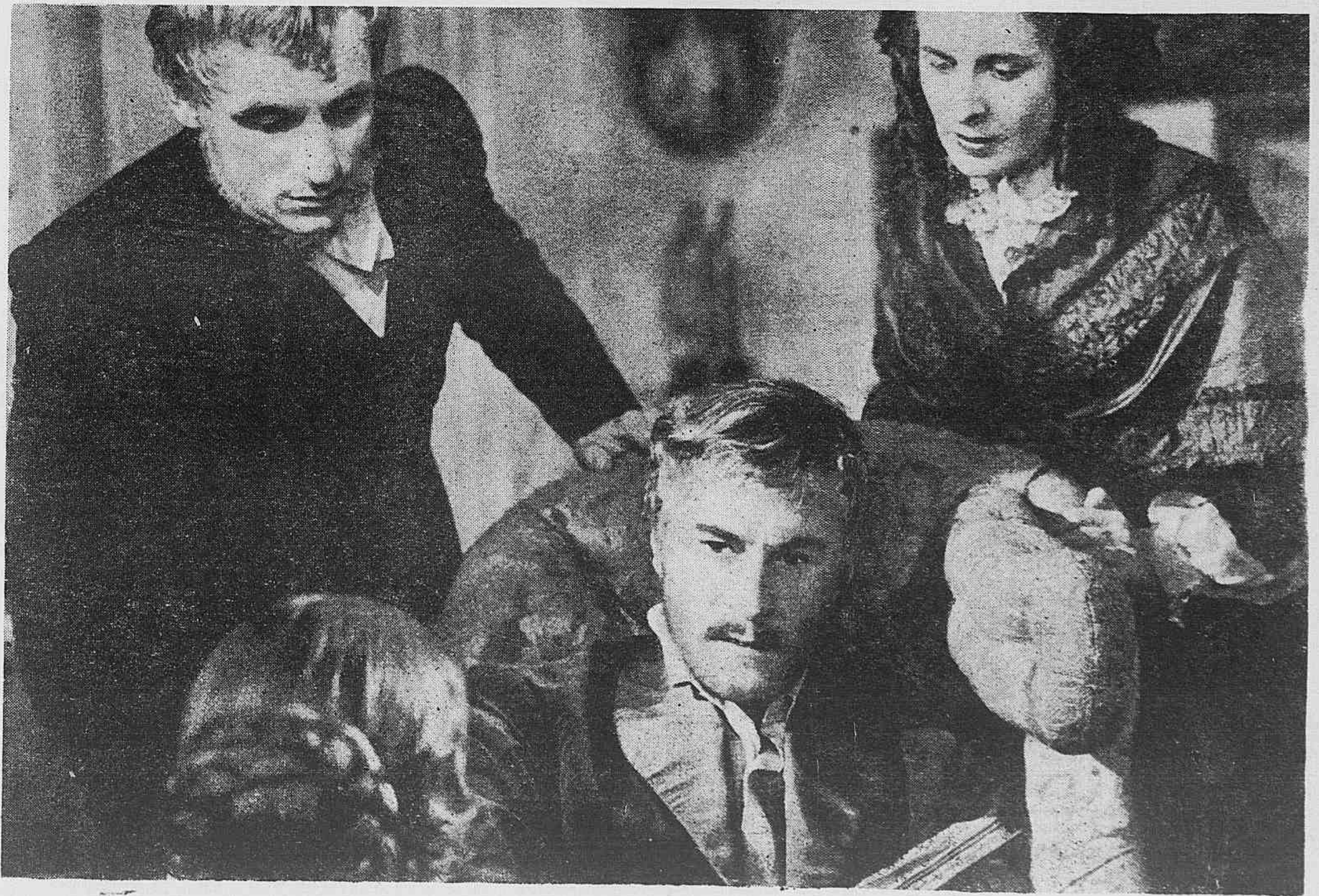
Tem ele interpretado os papéis mais variados que um ator possa desejar. Houve um

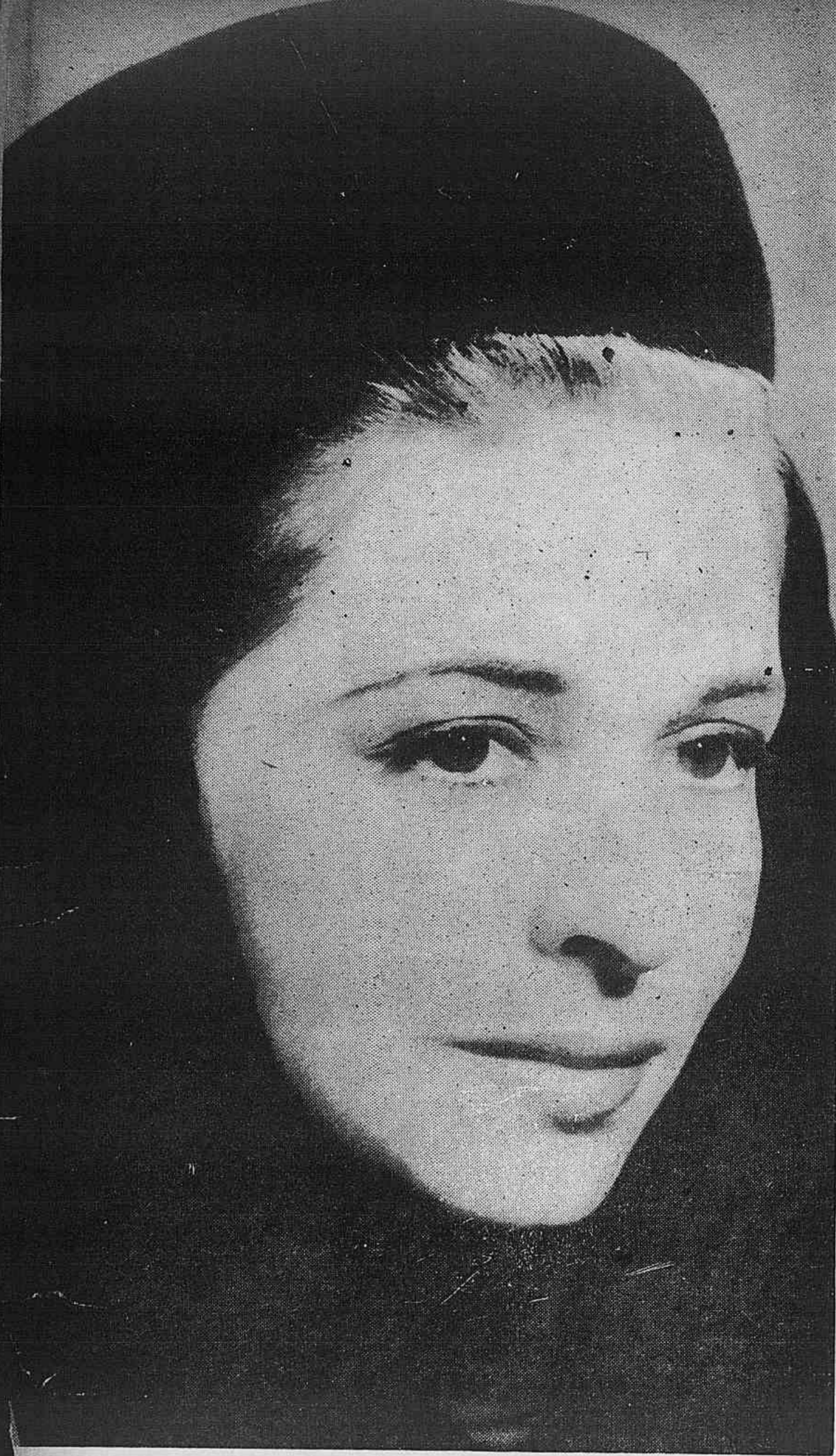
(Cont. na pág. 31)

Amedeo Nazzari, em uma cena de "O Bandido", um filme italiano que agradou em cheio.



Amedeo Nazzari (ao centro), com Tito Schipa e Tomasini, dois outros intérpretes de "O cavaleiro do sonho", no qual o "astro" italiano faz o papel do compositor Donizetti. Em baixo: outra cena de Amedeo Nazzari como Donizetti, o celebrado compositor, em "O cavaleiro do sonho".





**P**AMELA KELLINO é para James Mason o mesmo que Sylvia Fane para Danny Kaye — a grande animadora da carreira do marido. Famosa atriz, é também escritora, tendo escrito com James diversas peças, colaborado no «screen play» de filmes do espôso e representado com o mesmo, no cinema e no teatro, como sucedeu na peça «Bathsheba», de Jacques Deval. E' a autora do argumento do mais recente filme do marido — «The Upturned Glass», no qual também trabalha. Pamela nasceu em Westgate, Inglaterra, a 10-3-1918. Iniciou sua carreira no palco em 1936, na peça «The Luck of the Devil». Estreou no cinema, dois anos mais tarde, no filme de James «I Met a Murderer», ainda inédito no Brasil, película cuja história e cenário foram de sua autoria. Depois o casal apareceu em «Eram irmãs». Forma com Mason um dos casais mais inteligentes do cinema, pois ele, além de ator e escritor, é desenhista e arquiteto. E', ainda, autora de várias novelas.

## CARAS E CARETAS

Notas gráficas sobre personalidades em foco.  
Exclusividade de "A CENA"



**A**NNETTE BACH, outra «estréla» do moderno cinema italiano, é um dos mais encantadores tipos de ingênua, como os leitores terão oportunidade de ver em «Amantes em fuga» (Amanti in fuga), o belo filme sôbre a vida do compositor Alessandro Stradella, que Giacomo Gentilomo dirigiu para a Manenti, com Gino Becchi. Com este mesmo ator — outro galã da península que vai conquistar muitas fãs — vê-la-emos ainda na comédia «Alô... quem fala?» (Pronto... Chi Parla?), dirigida por Carlo Ludovico Bragaglia. Annette interpretou recentemente mais estas películas, que, como as citadas serão apresentadas pela Art-Filmes: «O mercador de escravas» (Il mercante di schiave), com Enzo Fiermonti; «O segredo de uma mulher» (Labbra Serrate), com Fosco Giachetti e Andrea Checchi; «Toda uma vida em 24 horas» (Tutta la vitta in 24 ore), com Carlo Ninchi e Andrea Checchi de novo; e a refilmagem de «O diabo branco» (Il Diavolo Bianco), com Rossano Brazzi.



**J**OHNNY SANDS, o jovem louro que vimos há pouco no papel de um dos protagonistas de «Quatro irmãos a quem», o épico de aviação que John Farrow dirigiu para a Paramount, com Bill Holden, Sterling Hayden, Sonny Tufts e a encantadora Anne Baxter, começou sua carreira em Hollywood namorando Jean Porter em «Noite na alma», ao lado de um colega famoso como Guy Madison, sem a ajuda da grande publicidade que cercava o nome do marinheiro de «Desde que partiste». Agora, porém, Johnny deve andar vaidoso, porque, enquanto o «astro» de Selznick parece ter desaparecido da circulação, ele, Johnny Sands, está conquistando enorme popularidade... Johnny é o galã de Shirley Temple em «Solteiro cobiçado» (The Bachelor and the Bobby-Soxer), ao lado de um Cary Grant e uma Myrna Loy, que a RKO vai nos apresentar muito breve. E seu próximo filme na Paramount será «Born to Speed».



**M**MARGARET WYCHERLY é outra grande atriz característica britânica que vem emprestando há longos anos seu talento aos filmes de Hollywood. Tendo nascido em Londres, em 1881, foi educada em Boston, iniciando sua carreira no teatro, no qual ganhou fama no papel de Mme. La Grange em «Thirteenth Chair», a célebre peça de Bayard Veiller, tantas vezes filmada, a última vez com Dame Mae Whitty, também inglesa como Margaret. Foi justamente esse papel que a levou ao cinema, quando a Metro produziu a primeira versão falada de «A cadeira nº 13», em 1929. Durante dois anos, interpretou a famosa peça «Tobacco Road» na Broadway. Apareceu num «short» da Vitaphone. Entre os seus filmes figuram: «Terror no Paraíso», «S. ex. o réu», «Sargento York», «Na noite do passado», «Noite sem lua», «Encontro com o perigo», «Johnny Angel», etc. Seu filme mais recente é «Deliciosa mentira» (Something in the Wind), com Deanna Durbin.

**M**MERVYN JOHNS foi uma das grandes figuras da temporada de 47, por seu admirável trabalho no impressionante filme inglês «Na solidão da noite», no arquiteto «que sonhou o futuro», chamando a nossa atenção para o seu nome, que passara despercebido em outras películas britânicas, como «O vagabundo milionário», «A ré inocente», «Estalagem maldita», «Prisioneiro de guerra», «Tempestade num copo d'água», etc. Mervyn nasceu em Pembroke, Wales, a 18 de fevereiro de 1899. Esteve prestes a ser dentista. A vocação teatral, porém, manifestou-se, e Mervyn abandonou os estudos de odontologia, entrando para o teatro. Em 1934 estreou no cinema. Desde então ficou no cinema inglês, do qual sua filha — Glynis Johns («Invasão de bárbaros», «Tartu», «Longe dos olhos») — é uma das mais interessantes «estrelas». Mervyn vem aí, de novo com Michael Redgrave, em «Corações aflitos» (The Captive Heart), de Michale Balcon, distribuído pela Universal.



**F**LORA ROBSON, a Flatateeta, de «César e Cleopatra», já se destacara nos filmes ingleses, por seus admiráveis trabalhos em «Catarina a Grande», ao lado de Elisabeth Bergner, e em «Fogo sobre a Inglaterra», no qual interpretou um excelente retrato da rainha Elizabeth, papel esse que repetiu em «O gavião do mar», de Errol Flynn. Flora nasceu em South Shields, Inglaterra, a 28 de março de 1902. Está no cinema inglês desde os tempos da Bip e da British & Dominions. Em Hollywood, apareceu, entre outros filmes, em «O morro dos ventos uivantes», «Não estamos sós» e «Mulher exótica», onde a vimos como a criada «colored» da protagonista. Flora Robson é, também, uma grande atriz do teatro. Breve, vê-la-emos em dois de seus mais recentes filmes britânicos: «Great Day», da RKO, com Eric Portman; e «Suplício eterno» (The Years Between), de Sydney Box, com Michael Redgrave e Valerie Hobson, distribuído pela Universal.

**O**S críticos que não gostam de filmes musicais e ainda menos dos cantores que Hollywood transforma em atores, podem não estar de acôrdo, porém os produtores têm especial predileção pelos «astros» do bel canto desde os tempos remotos do cinema. Houve época em que, embora as películas ainda não possuíssem a «trilha do som», cantores famosos, como Enrico Caruso, Geraldine Farrar, Mary Garden, Galli Curci e outros, ganharam muito dinheiro representando diante das «cameras». O mais recente cantor de Hollywood é o tenor JAN PEERCE, do Metropolitan, que a Universal-International apresenta ao lado de Deanna Durbin, no último filme desta — «Deliciosa mentira» (Something in the Wind). Jan canta uma ária de «Il Trovatore», de Verdi. Ele faz o papel de um carcereiro e gostou de trabalhar no cinema. Naturalmente aparecerá em outros filmes. Não importa que os críticos o considerem outro intruso...





## "COPACABANA," A PRIMEIRA CARMEN MIRANDA COM

UM TECNICOLOR DA METRO, COM  
GROUCHO MARX, ELIZABETH TAYLOR E  
"WITH JUDY", NOVO FILME DE C

**A** PÓS oito anos de colaboração com a 20th Century-Fox, parte a nossa Carmen Miranda para a sua primeira aventura independente, isto é, como livre-atradora. O resultado é "Copacabana", produção musical de Sam Coslow para distribuição United Artists. A propósito deste filme, diz a crítica americana que é só mesmo para os admiradores de Carmen e de Groucho Marx, pois o resto não tem absolutamente a menor consequência... Enfim, para os admiradores de Carmen sempre há qualquer coisa. Logo, vamos ver o filme para depois opinar... Acompanham Carmen Miranda e Groucho Marx, em "Copacabana", Andy Russell, Gloria Jean e Steve Cochran, além dos rapazes do extinto "Bando da Lua", que formam na orquestra.

A grande novidade de "Copacabana" é uma Carmen loura... e o resto é mais ou menos o costumeiro: penteados altíssimos, trajes espetaculares, baianas estilizadíssimas, sapatos arranha-céu, e o corpo de Carmen, cada vez melhor... é preciso que se diga!

A história é mais ou menos assim: Groucho Marx começa a espalhar que é empresário de Carmen Miranda, e consegue um contrato para ela com o famoso clube noturno Copacabana. Mas acontece que "ela" é uma sócia de Carmen... E a confusão que o bigodudo arranja é tamanha que consegue enganar até o pro-



Em cima, à esquerda: Carmen e Andy Russell num número suposto latino-americano. Reparem no penteado de Carmen... e olhem bem para a sua plástica!

★

A direita: Carmen Miranda exibindo a sua "bossa" à frente da orquestra do "Copacabana Club", integrada por Zezinho de Oliveira e Nestor Amaral, nos violinos.

★

Em baixo, à esquerda: Carmen Miranda e Groucho Marx, a dupla da confusão em "Copacabana", produção musical de Sam Coslow com distribuição United Artists. A direita: Carmen Miranda... loura, velada, espalhafatosa e cada vez mais bonita, como aparece em "Copacabana", na pele de uma tal Mlle. Fifi.

## PRIMEIRA AVENTURA DE CÔMO "FREE LANCER"

COM WALLACE BEERY, JANE POWELL E XAVIER CUGAT — "A DATE WITH JUDY" DE CARMEN MIRANDA

proprietário do clube, personificado por Steve Cochran.

Carmen então representa um número "tipicamente" sul-americano, depois do que se mete num véu, passando por uma tal de Mlle. Fifi. E a intriga gira em torno das atividades de Mlle. Fifi no night-club e das tapeações do "empresário" Groucho, com a orquestra em que formam Zezinho de Oliveira e Nestor Amaral e com as quatorze "Copa Girls", tôdas muito boazinhas e muito engraçadinhas... Gloria Jean canta uma canção. Já está bem crescidinha, a menina...

Há dias, soubemos por telegramas que Carmen estava em negociações com a Metro-Goldwyn-Mayer. Agora temos a confirmação de que não passava de boato com os preparativos da filmagem de "A Date With Judy", película que contará com Wallace Beery, Jane Powell, Elizabeth Taylor, Robert Stack e Xavier Cugat e sua famosa orquestra, além de Carmen Miranda. Trata-se de um musical em technicolor sobre a mocidade americana, anunciado como simples divertimento e nada mais. Carmen aparecerá pela primeira vez sem turbantes, substituídos por vistosos penteados, e com magníficos vestidos desenhados por Helen Rose. Assim, ficamos cientes de qualquer coisa definitiva sobre as atividades cinematográficas de Carmen Miranda, ultimamente cercadas de muita confusão.



# BRUTALIDADE

**P**ENITENCIARIA de Westgate... sombria, fechada, fria. Fortaleza de ferro e granito cercada de água por todos os lados, dominada por uma torre de vigia, como a de um castelo feudal, cujo portão de ferro e ponte levadiça única saída, estão constantemente sob controle.

A cela R-17 não é muito diferente das outras celas de Westgate.

De fato, sua única diferença é uma folhinha que pende próxima à pequenina janela gradeada. Na folhinha há um rosto de mulher, oval, moreno, sobrancelhas delicadas, levemente arqueadas sobre os olhos semicerrados.

Os ocupantes da cela R-17 são bem parecidos com os de outras celas. Presos por crimes diversos, são em número de seis. Lá estão Joe Collins (Burt Lancaster), alto, louro e vistoso, odiando a vida do presídio qual animal feroz na jaula; Soldier (Howard Duff), rapaz de vinte e dois anos, também amargurado pela vida de prisão; Spencer (John Hoyt), sujeito suave, cativante, aí pelos trinta, cheio de humor e cinismo nascidos da experiência; Lister (Whitner Bissell), um pálido ex-guarda-livros, conscio do fracasso; Freshman (Jeff Corey), cujo ódio aos policiais vem dos becos em que foi criado; e McCoy (Jack Overman), expugilista, rapaz de boa índole, simples e ingênuo como uma criança.

São êsses os homens da cela R-17. Semelhantes aos outros homens de Westgate. Semelhantes aos homens de tôdas as prisões...

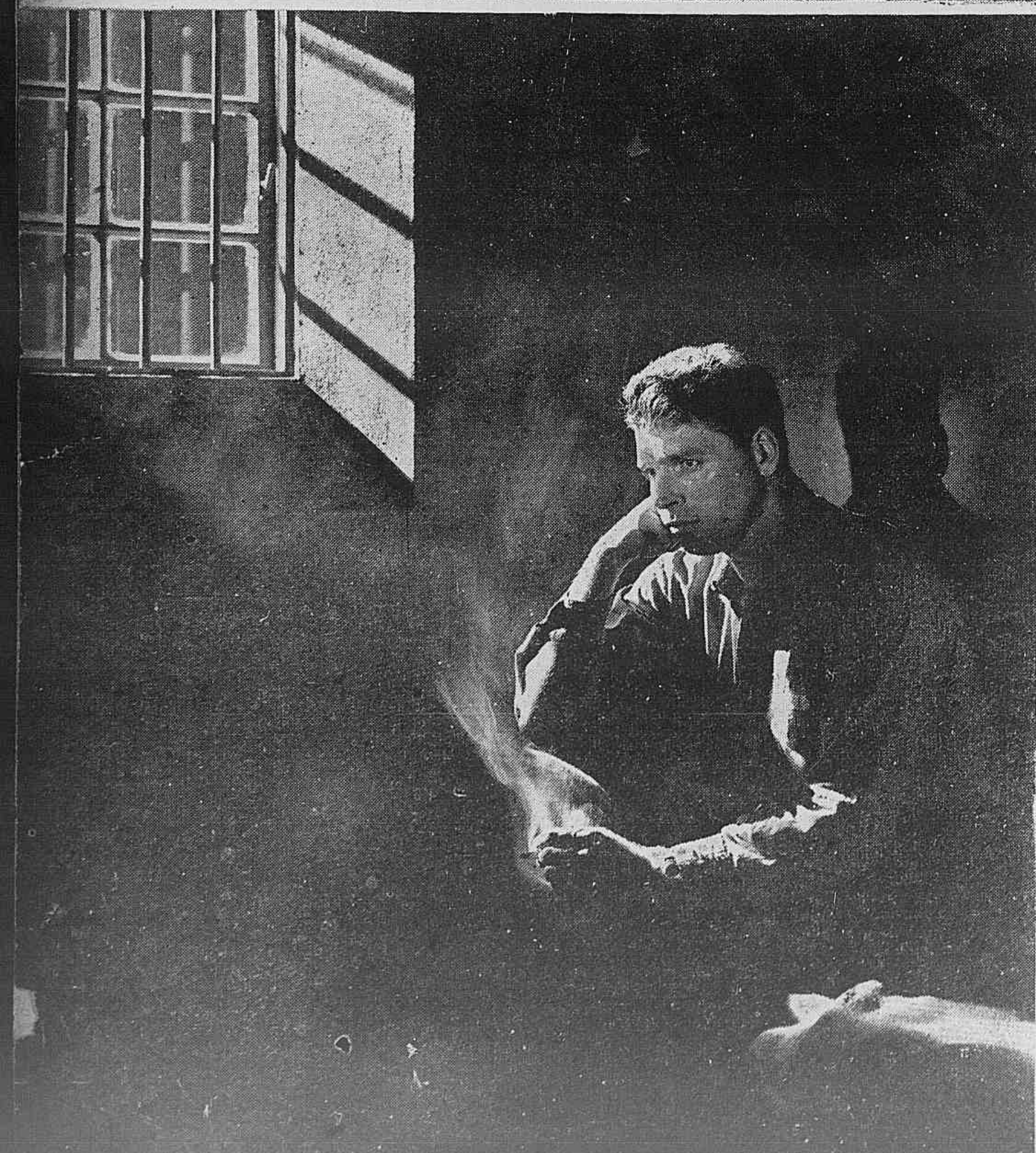
McCoy é novo no grupo, substituindo um tal de Frankie McLain, homem idoso que trabalhava no inferno da prisão, os esgotos. Idade e fadiga, em combinação com as terríveis condições do esgoto, trouxeram-lhe uma pneumonia. McLain morrera há poucos dias.

O capitão Munsey (Hume Cronyn) levava a culpa do ocorrido, muito justamente. Teoricamente falando, a prisão estava a cargo do diretor Barnes, mas na realidade era dirigida pelo capitão Munsey, homenzinho esperto, cruel, sádico mesmo, que vivia fomentando contendas entre os presidiários. E o fizera para que as desordens chegassem ao conhecimento da Comissão Penitenciária, que, naturalmente, culparia o diretor Barnes. Lógicamente, seria o substituto indicado para Barnes.

Agora, como resultado das suas manobras, Joe Collins estava saindo da solitária, no mesmo dia em que era enterrado Frankie McLain. Alguém "plantara" uma faca nas roupas de Collins e o denunciara. Mas a história que Joe ouviu quando voltou à R-17 foi um pouco diferente. Depois dos abraços, Freshman disse: — Sobre o seu caso, Joe, já investigamos. Está tudo arranjado. Foi Wilson. Ele alega que foi forçado por Munsey. Mas já está tudo legal, Joe. Tudo arranjadinho, de qualquer maneira.

— O que é que está legal? — gritou Joe, amargurado. — Nada está legal. Nunca esteve e nunca estará. Pelo menos até que estejamos lá fora! Compreenderam? Fora!

Ao alto: naquela noite, na cela R-17, Joe expôs aos companheiros os detalhes do plano. E todos falaram no que fariam quando estivessem livres... Em baixo: na solitária, Joe Collins, alto, louro e vistoso, odiando sempre a vida da prisão, qual animal feroz encerrado numa jaula...



Era o grande desejo de toda aquela gente; sair, de qualquer maneira. Mas em Joe esse desejo era ainda mais forte; já tomara conta de todo o seu ser, tornando-se como que uma obsessão que não o largava um só instante...

Mais tarde, no pátio, Joe e a turma deram com Wilson, o traidor, conversando com Gallagher (Charles Bickford), o redator do jornal da prisão, querido e respeitado por todos, prisioneiros e guardas. Entrelharam-se, sabendo perfeitamente que Wilson estava apenas pedindo, sem obter, qualquer ajuda de Gallagher. E tinham razão; em ambas as suposições eles estavam certos.

Wilson, homenzinho de olhos miúdos, dizia apressadamente: — Gallagher, preciso falar com você. Você tem que me ajudar!

O camarada sentado ao lado de Gallagher era o seu primeiro repórter, Louie (Sam Levene), amigo dedicado de Gallagher. Wilson tremia, suando por todos os poros. — Eles vão matar-me! — gemia.

— Quem é esse camarada? — perguntou Gallagher, como um monarca pedindo ao camareiro-mór a identidade de algum visitante. — Wilson, — respondeu Louie. — Tem uma baita sentença. É traidor; foi quem plantou a faca em cima de Collins.

— Munsey me obrigou, — gemeu o homenzinho. — Palavra. E você pode ajeitar qualquer encrenca, Gallagher! Se quiser falar com Collins, eu pago... eu...

— Você paga? — interrompeu Gallagher friamente, como se não estivesse entendendo...

Wilson ficou calado, sem saber o que dizer. Então, vendo que nem Gallagher nem Louie diriam mais nada, afastou-se quase correndo, esbarrando em Munsey, que, com Jackson, seu homem de confiança, fazia o seu passeio habitual pelo pátio.

Wilson aproveitou a ocasião: — Capitão, preciso falar com o senhor. Por favor.

Munsey apenas olhou-o com desagrado, e Jackson o afastou do caminho. Munsey continuou a andar serenamente, batendo no ombro de um presidiário, inclinando a cabeça para outro, falando a um terceiro.

Quem o visse naquela ocasião, julgá-lo-ia o melhor camarada do mundo; um homem que tratava da melhor maneira possível os homens sob sua guarda. Mas todos os presos de Westgate sabiam muito bem que aquela atitude de aparente benevolência apenas encobria a tremenda satisfação de ter tantas vítimas à disposição...

Mas nesse dia de que falamos, Munsey não se alongou muito na sua perversa distração. John McCallum, um membro da Comissão Penitenciária combinara um encontro especial com o diretor Barnes e com o dr. Walters (Art Smith), o médico da prisão. O diretor fizera questão da presença de Munsey. Poucos minutos antes do encontro, porém, o dr. Walters tomou a sua dose habitual de aguardente. Era a sua fraqueza: o amor ao álcool. Ele trabalhava em Westgate não por falta de humanidade, que tinha em abundância, nem por ambição ou crueldade, coisas que detestava,

(BRUTE FORCE)

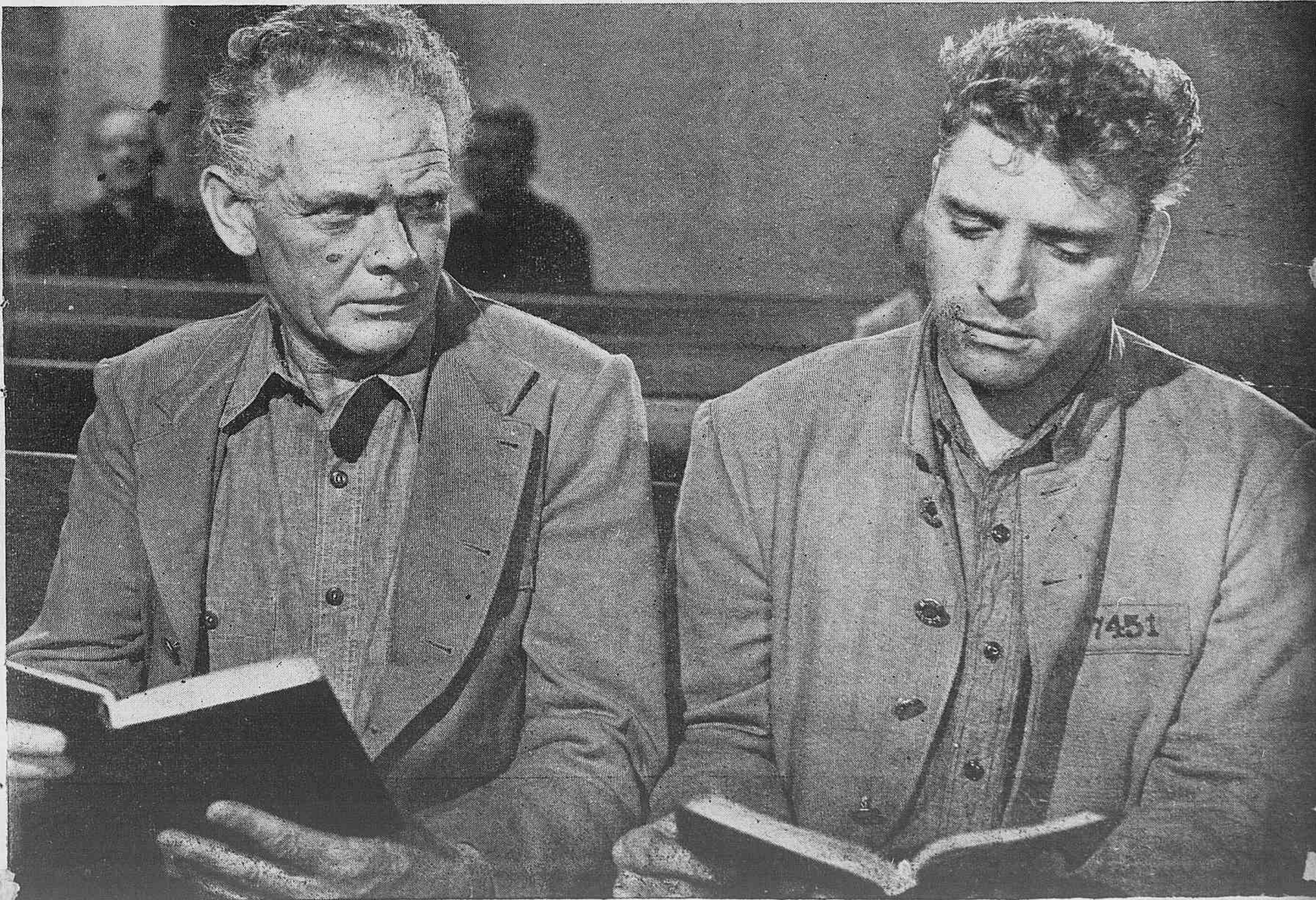
Elenco:

Joe Collins . . . . .Burt Lancaster  
Cap. Munsey . . . . .Hume Cronyn  
Gallagher . . . . .Charles Bickford  
Tom Lister . . . . .Whitner Bissell  
Louie . . . . .Sam Levene  
Spencer . . . . .John Hoyt  
Dr. Walters . . . . .Art Smith  
Soldier . . . . .Howard Duff  
Wilson . . . . .James O'Rear  
Freshman . . . . .Jeff Corey  
Mugsy . . . . .Vince Barnett  
Kid McCoy . . . . .Jack Overman  
Calypso . . . . .Sir Lancelot  
McCallum . . . . .Richard Gaines  
Gina . . . . .Yvonne De Carlo  
Ruth . . . . .Ann Blyth  
Cora . . . . .Ella Raines  
Flossie . . . . .Anita Colby



Película de Mark Hellinger para a Universal-International Direção de Jules Dassin. Argumento de Richard Brooks, baseado numa história de Robert Paterson.

Mais tarde, sentados na capela, livros de reza abertos nas mãos, Collins e Gallagher combinaram os detalhes do plano de fuga.





mas simplesmente porque Westgate foi o único lugar que encontrou onde podia continuar a beber e a clinicar ao mesmo tempo.

Quem o servia era sempre Calypso, o preso posto à sua disposição. Naquêle dia o doutor quis mais; tomou, vários tragos. Walters não estava no seu natural, e Calypso perguntou: — O senhor não gosta disso aqui, Doc... Por que fica, então?

O dr. Walters reagiu. — Você não tem

— Nada está legal, — gritou Joe, amargurado. — Nunca esteve e nunca estará. Pelo menos até que estejamos <sup>lá</sup> fora. Compreendem? **Fora!**

muito que escolher, Calypso. Bem... eu também não tenho.

★

O encontro foi bem alarmante. McCallum, representando a Comissão, estava insatisfeito

Os olhos de Cora sombriaram-se: — Mas, onde foi que o arranjou? De onde veio o dinheiro? — E ele respondera: — Roubei o dinheiro!

com a recente onda de desassossego, desordens e até conflitos que tomava conta de Westgate. O diretor tentou explicar que havia muito poucas atividades para os homens, mas McCallum interrompeu-o bruscamente.

— O que você quer dizer é que não sabe como remediar a situação.

— Perdão, senhor, — o tom de Munsey era escorregadio como azeite. — Creio que o senhor interpretou mal as palavras do diretor.



# PARA VOCE



Linda Batista, cantora exclusiva da fábrica Victor e da Rádio Mayrink Veiga — que, por si deverá transferir-se para a Tupi, segundo se anuncia — gravou recentemente uma composição de Wilson Batista e Germano Augusto, intitulada "Tem baile na Chacrinha". Trata-se de homenagem desses dois autores ao animador Abelardo Barbosa, da Rádio Tamôio, que apresenta diariamente nessa emissora o programa "Cassino da Chacrinha". A foto acima é um flagrante feito pela nossa objetiva, quando Linda, Abelardo e Germano ouviam a prova dessa gravação.

## NOTAS E NOVAS

Deixou a Orquestra Tabajara o baterista Hugo, nome bastante conhecido nos meios musicais do Rio de Janeiro. Por se tratar de um elemento precioso, o conjunto paraibano não conseguiu, ainda, substituto...

★

A Rádio Nacional dispensou diversos músicos de suas orquestras, ao que parece, por medida de economia. Entre esses figuram o saxalto Deoclides, o trompetista Vicente e o trombonista Veiga.

★

É de autoria de Geraldo Medeiros o frevo "Zé Carioca no frevo", que ouvimos na película brasileira "E' com esse que eu vou".

★

A Orquestra Tabajara, o popular conjunto de Severino Araujo, acaba de entrar em gozo de férias, na Rádio Tupi, de cujo microfone acha-se afastado por esse motivo.

★

Diversas gravações terá a composição "Conceição da Praia", de Dillú Melo. Querem a

mesma melodia os cantores Nelson Gonçalves, Quitandinha Serenaders, Trígêmios calistas e... mais alguns...

★

A Rádio Nacional, segundo consta, vai uma boa oferta ao clarinetista Abel, atualmente, dirige o regional da Rádio

★

A cantora Dirceinha Batista também gozando férias, numa estação d'águas.

★

De Vicente Palva é o samba "Ave que Francisco Alves gravará na fábrica dentro de breves dias.

★

"A Voz do Amazonas", um samba de Marques, será uma das próximas gravações de Heleninha Costa, na Odeon.

★

Alcides Grerardi vai gravar o samba-canção de Del Loro e outro — "O Destino não me trai", na fábrica Odeon.

## SAMBAS, MARCHAS ETC.

### "VOCE MENTIU"

Samba de Gilberto Milfont e Maria Gesta.

Você mentiu,  
não respeitou minha ausência.  
Você mentiu,  
agora pede clemência.  
Não posso amor,  
você feriu demais  
meu coração.  
É tarde,  
p'ra lhe dar perdão.

II

Você mentiu,  
você traiu,  
meu inocente coração.  
Sem ter remorso,  
sem ter compaixão.  
Ele sofreu,  
mas agora,  
vive cantando  
não chora, querida,  
é feliz... nesta vida...

★

### "APANHEI DE "BOOGIE-WOOGIE"

Samba de Valter Teixeira e Luis Guilherme, gravação Odeon dos Vocalistas Tropicais.

Você me disse que dançava o "boogie-woogie"

De qualquer maneira,  
Elogiou a nova dança puladinha  
Lá da "gafieira".

Cai na asneira de dançar o "boogie-woogie"

Com uma cabrocha de lá,  
No outro dia estava de perna bamba  
Sem poder andar...

E nunca mais  
O "boogie-woogie" me apanha  
Para me cansar...  
Eu apanhei do "boogie-woogie"  
A noite inteira,  
Até a coisa melhorar...

Está muito bom  
Prá essa mocidade louca, sem com-

E, não, prá mim, que sou um chefe de família

E que preciso trabalhar...



... (Nosotros) seu mais recente filme mexicano exibido no Rio.

## J, O TOUREIRO DE "SANTA"

**TRO AMERICANO AO  
A MEXICANO — CO-  
ZU COMO "EXTRA"**

a atenção de Hollywood, e sua  
cinema americano será das mais  
a Metro souber aproveitar o seu  
México que deu a Hollywood um  
populares galãs — o outrora fa-  
Novarro — e um dos mais queri-  
— o atual frade José Mojica —  
seus melhores artistas. Montal-  
Hollywood uma aquisição mais va-  
Arturo de Córdova, por sua na-  
simpatia. Possuindo um autên-  
alã romântico, possui, ao mesmo  
ades histrônicas. O seu tri-  
ção foi fácil e, o que é mais curio-  
palco new-yorkino para o cinema  
Havia interpretado bons papéis no  
icano e esperava que tal credencial  
as portas da fama nos filmes de sua  
teve tremenda decepção e quase desis-  
atro artista teria se revoltado e volta-  
o teatro, escolhendo o caminho mais  
Ricardo, entretanto, é um rapaz perse-

verante. Decidiu que lutaria para realizar sua  
ambição de tornar-se "astro" da cinematogra-  
fia mexicana. E entrou para a mesma como  
simples "extra", confiante no seu valor. O pri-  
meiro filme em que apareceu chamava-se "Es-  
pionaje en el golfo", uma película de propagan-  
da anti-nazista, rodada logo depois que o Mé-  
xico declarou guerra ao Eixo. Pouco depois,  
conseguiu um papel melhor, em "La Virgen  
que forjó una patria". A seguir, apareceu em  
"La razón de la culpa", "El verdugo de Sevilla",  
etc. Não foi sem dificuldade que logrou  
ser escolhido para o galã do filme "Cinco fue-  
ron escogidos", por sinal que uma das piores  
produções aztécas... Foi Norman Foster, o co-  
nhecido diretor americano, que se dedicou ao ci-  
nema mexicano, quem o "descobriu" e depois  
de submetê-lo a um "test", convenceu-se de que  
havia descoberto um ator de grande futuro.  
Escolheu-o imediatamente para o papel de  
Jaraméño, o toureiro de "Santa", e o sucesso do  
célebre filme de Esther Fernández e José Ci-  
brian, tornaram-no o ídolo das fãs mexicanas.  
Apareceu, depois, em várias películas, consoli-  
dando a grande popularidade alcançada com o  
filme citado. E novamente Norman Foster o  
reuniu a Esther Fernández em "La Fuga", adap-  
tação mexicana de "Bola de Sébo" de Guy de  
Maupassant, e em "La hora de la verdad". En-

(Continua na pág. 24)

# AS COTAÇÕES DA SEMANA

0 — PÉSSIMO ★ 1 — REGULAR ★ 2 — BOM ★ 3 — MUITO BOM ★ 4 — ÓTIMO

## ANJOS DA RUA

2½

Esta produção francesa rodada em Paris, durante a ocupação, é um dos mais belos filmes sobre prisão de mulheres. Quase todo passado num convento de monjas da Ordem dos Dominicanos, apresenta a emocionante história de uma noviga que regenera uma assassina, através de narrativa de grande beleza, escrita pelo padre Bruckberger, com diálogos de Giraudoux, magnificamente adaptada ao cinema pelo próprio realizador da película — Robert Bresson. Da primeira sequência — que parece ter sido apanhada do natural — ao final, com a prisão de Jany Holt, o filme transmite ao público o espírito do argumento, repleto de estranha expressão mística, que aumenta quando a encantadora Renée Faure está presente no retângulo da tela. Renée é um desses tipos como o cinema poucas vezes apresenta e uma atriz de rara sensibilidade artística. O filme seria dela e do diretor Bresson (que se revelou neste seu primeiro trabalho um cineasta de futuro), se a história fosse comum. Não é apenas deles, porque a narrativa do reverendo Bruckberger também é valiosa. Com a «estréla», o cineasta, o argumento e a preciosa colaboração de Giraudoux, o produtor Roland Tual nos deu uma pequena obra prima do cinema, que nos leva à intimidade de um convento, mostrando-nos cenas diferentes, que apresentam, pode-se dizer, ambiente inédito nas películas do gênero. E' assim como que um documentário da vida e dos costumes das monjas dominicanas, porém um documentário palpitante, que nos conta um episódio de emocionante espiritualidade, trazendo-nos de volta a esplêndida Jany Holt, num dos mais expressivos trabalhos de sua carreira. Ao lado de Jany e Renée Faure, Robert Bresson reuniu um elenco admirável, no qual figuram Sylvie (a priora), Mila Parely, Marie-Helene Daste, Yolande Laffon, Paula Debelly, Silvia Monfort e Gilbert Terbois. Não percãem esta produção francesa, outro excelente filme produzido na época em que os alemães dominavam os produtores gauleses, que vem provar quanto pode a inteligência num período como aquêle, para os que não quiseram colaborar com o inimigo. E' um filme que não devia ter sido lançado como o foi, durante o carnaval. Poucos, como ele, são tão adequados aos dias da Semana Santa.

Título original: «Les Anges du péché».



## A CRUZ DE UM PECADO

2

Não é a primeira vez que o cinema americano aborda o tema exposto nesta película de Ann Sheridan, realizada, evidentemente, com o intuito de propaganda contra o divórcio. Nunca, entretanto, tratara da infidelidade conjugal como o faz na presente produção da Warner, de maneira tão humana, com tanto realismo, embora o clássico «happy end» seja discutível. E' um desses espetáculos «adultos» que Hollywood raramente produz, daí a insegurança com que os realizadores os tratam, quando o filme sai dos moldes habituais da maioria dos filmes americanos. Entretanto, Vincent Sherman o dirigiu com inteligência, mantendo a narrativa absorvente. Ann Sheridan tem um dos bons trabalhos de sua carreira na protagonista, Zachary Scott, também, faz o seu papel com acerto. O mesmo sucede com Lew Ayres, Eve Arden, Jerome Cowan, Steven Geray e outros completam o elenco. Apesar do convencionalismo do final, é uma película diferente. Tem o seu valor.

Título original: «The Unfaithful».



## E' COM ESTE QUE EU VOU

1½

Apesar do título do popular samba carnavalesco, nada tem de folião este filme «carnavalesco» da Atlantida, que nos apresenta novamente Oscarito num duplo papel. A película, já se sabe, é bastante divertida por causa da presença do nosso maior comediante. Além de Oscarito, há o «screen play» de Paulo Vanderley, embora esse cenário tivesse sido dos mais ingratos para um cenarista que é, sem favor, um dos nossos maiores cineastas. Analisando friamente, o filme tem o mesmo valor da totalidade das comédias musicais de Hollywood (levando vantagem em muitas delas); porém, seria injustiça dizer que ele não atinge a sua finalidade como passatempo. Tanto atingiu essa finalidade

que marcou outro grande sucesso de bilheteria em vários cinemas, nos quais se conservava em terceira semana de exibição quando escrevamos esta. Com todos os seus defeitos e as restrições que poderíamos fazer à apresentação de um dos personagens, de um modo geral é uma película que agrada, principalmente porque José Carlos Burle soube manter a narrativa interessante, a despeito da falta de continuidade da mesma. Os «shows» em que aparecem Jorge Murad (que por sinal faz dois papéis no filme), Ciro Monteiro, Marion, Horacina, Bob Nelson, Luis Gonzaga, Ruy Rey, Carmen Brown, Moacyr Ferreira, Alvarenga & Ranchinho, Quitandinha Serenaders e Garotos da Lua, são bons. Otelo quase «rouba» a película, na «rainha das mulatas». Heloisa Helena dá relêvo ao seu pequeno papel, o mesmo acontecendo com Solange França. Paulo Vanderley e outros conhecidos fazem «pontinhas». Pena que a pressa da filmagem não permitisse que a película saísse melhor. Os produtores precisam cuidar mais das realizações desta fase que está marcando realmente, pela primeira vez, o nascimento de nossa indústria cinematográfica. O momento é do cinema nacional, e é preciso corresponder ao apoio decidido que o público está lhe dispensando, dando-lhe filmes dignos desse apoio.



## NEW ORLEANS

1½

Comédia musical com ambiente da velha New Orleans de 1917, evocando os primeiros tempos do «jazz», apresentando muito interesse para os admiradores da música popular norte-americana. Lá estão Louis Armstrong, Woody Herman, a cantora Billie Holiday, o compositor e condutor Richard Hogeman, e ainda Dorothy Patrick, cantando com muita graça. O defeito da película é a falta de um realizador especializado no gênero. Arthur Lubin está deslocado. Para os fãs de cinema propriamente dito há, apenas, a fotografia de Lucien Andriot e a veterana Irene Rich. Arturo de Cordova, comum como sempre. Marjorie Lord perde para Dot, que passou despercebida em vários filmes da Metro, e com a personalidade que possui irá longe...  
Título original: «New Orleans».



## ÊSTE NOSSO AMOR

1½

Um dramalhão mexicano, explorando o velho tema das duas irmãs apaixonadas pelo mesmo homem, com Emilia Guiu (que há pouco apareceu em «Bandido a muque», de Cantinflas), Esther Luquin e Ricardo Montalban. Só se salva o «astro», atualmente em Hollywood. Direção sofrível de Fernando A. Rivero. Um filme para os ouvintes de certas novelas de rádio...  
Título original: «Nosotros».



## AUDÁCIA DE MULHER

1½

Segundo filme da série «Big Town», baseada no popular programa radiofônico americano do mesmo nome. Como no primeiro — «Escândalo que mata» — Philip Reed, Robert Lowery e Hillary Brooke aparecem nos principais papéis. Muito fraco. Das piores produções da dupla William Pine-William Thomas, dirigidas por este último. Só há uma coisa interessante, assim mesmo exclusivamente para os fãs: a presença da célebre tia Cissie de Freddie Bartholomew, e do irmão de Tarzan — Peter Weissmuller, ambos em sua estréia no cinema. Peter era «stand-in» de Tarzan.

Título original: «I Cover Big Town».

## A CENA MUDA

Representante em São Paulo, para publicidade: Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado, 180, 5.º and. Sala 502. Telefone 3-2649.

## Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias manciaras, só o conseguiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, Caixa Postal 1874 São Paulo.

### UM GRANDE PRODUTOR...

(Cont. da pág. 30)  
gunda versão de "Outward Bond", com Paul Henreid e Eleanor Parker; "Inspiração trágica", de Barbara Stanwyck e Humphrey Bogart; "Assassinos", a película que revelou Burt Lancaster e, por último, "Brutalidade" (Brute Force) e "Cidade nua" (The Naked City), ainda inéditos entre nós. Mark Hellinger nasceu em New-York, a 21 de Março de 1903, tendo começado sua carreira como jornalista, escrevendo durante seis anos para o Chicago Tribune Syndicate e o New-York Daily News. Continuou exercendo a profissão, mesmo depois de ter se dedicado ao cinema, de 1930 a 1940 no King Features Syndicate e N. Y. Daily Mirror, tendo, sido ainda correspondente de guerra da organização Hearst, no Pacífico, em 1944. Foi, também, autor de três livros — "Moon Over Broadway", "The Ten Million" e "I Meet a Lot of Interesting People", e de parceria com Brown e Henderson, escreveu a última "extravaganza" musical de Ziegfeld, "Hot Cha". No cinema, desde seu primeiro contato com Hollywood revelou a força do seu talento, colaborando a principio, nos "cenários"

de "Injustiça", da Metro; "A vitória será tua", de Frank Capra, na Columbia; e "Heróis esquecidos", na Warner. Em 1937 passou a produtor desta última companhia, onde produziu "Um sonho para dois", "Irmão orquídea", "Zona tórrida", "Aquele mulher", "Seu último refugio" e "Dentro da noite". Passando-se para a 20th-Century-Fox, produziu "O bamba da pelota" e "Brumas". Voltou para os estúdios de Burbank, produzindo então, "Graças à minha boa estrela" (em que também apareceu), "Um passo além da vida", "The Horns Blows at Midnight", "Esposas solteiras" e "Inspiração trágica". Associado à Universal-Internatio-

nal, produziu "Assassinos", "Egoísta", e os dois celuloides já citados, cuja estréia não chegou a assistir. Era amigo íntimo de Ernest Hemingway, com o qual tinha um contrato que lhe dava a exclusividade da filmagem de todas as histórias do autor de "Assassinos". Estava casado com a atriz Gladys Glad. Mark Hellinger é um produtor que vai fazer falta a Hollywood, neste período em que o cinema americano desceu a um nível tão baixo e produtores como ele (Mark) pedem ser, contados pelos dedos da mão... Foi a maior perda de Hollywood, depois da morte de Lubitsch.

### Ronaldo Lupo...

(Cont. da pág. 7)

grande extensão do solo brasileiro, cantando chorinhos, canções, valsas e foxes. Também gravou um número apreciável de melodias, muitas delas esgotadas.

Ronaldo Lupo andou pela Bahia. Eterno enamorado da "Boa Terra" selecionou um repertório com as mais enternecedoras canções para conquistar o coração das bonitas baianas. Sua temporada na Rádio Sociedade da Bahia foi muito além do esperado, de vez que o artista excedeu a toda e qualquer expectativa. Nem mesmo o mau tempo reinante no dia de sua estréia afastou o público do auditório da P.R.A-4. Todos mostravam-se desejosos de ouvir «Fora do vulgar» e «O mundo dá tantas voltas». Ronaldo correspondeu ao interesse de seus fãs.

Aproveitando sua estada na Bahia, o «chansonier» patricio visitou seus recantos pitorescos, provou de seus pratos típicos, frequentou seus famosos candomblés e percorreu suas igrejas monumentais. Conceição da Praia mereceu sua visita. Nesse lugar, qual moderno Robin Hood, teve oportunidade de observar tudo quanto de pitoresco aí existe. Comeu vatapá, pediu lições culinárias às baianas e acabou rezando ao Senhor do Bonfim. Pediu ao Senhor que o ajudasse a quebrar a castanha dos «poderosos» da radiofonia carioca, a fim de que eles lhe dêem oportunidade para atuar nos principais prefixos. Como o Senhor do Bonfim é poderoso, não duvidamos que Ronaldo venha a assinar contrato com uma das principais estações do Rio.

## O ANO ESPORTIVO

Os principais acontecimentos esportivos do Rio, do Brasil e do Mundo! — Todos os recordes cariocas, brasileiros e internacionais registrados em 1946-1947. — Os casos pitorescos e outras curiosidades do ano esportivo, com farta ilustração.

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite o seu tempo lendo o ALMANAQUE "EU SEI TUDO" para 1948 — que está à venda em todo o Brasil. PREÇO: CR\$ 15,00, NO PAÍS INTEIRO

Pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA  
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO  
Atende-se pelo Reembolso Postal, sem aumento de preço.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Contra a CASPA  
QUEDA DOS CABELOS

**JUVENTUDE ALEXANDRE**

Não tem substituto  
USE E NÃO MUDE

## Novidades de Hollywood

— Lora Le Michel, menina de sete anos, muito louvada pelos seus trabalhos em "Na cova das serpentes" (The Snake Pit) e "Good Sam", foi contratada por Merlan C. Cooper e John Ford para um papel secundário em "Mr. Joseph Young of Africas", primeira produção da Argosy, que distribuirá por intermédio da RKD. Entre outros, destacam-se do elenco de "Mr. Joseph", Robert Armstrong, Terry Morre, Regis Toomey e Ben Johnson.

— Shirley Temple, depois de terminar seu papel com o espôso John Agar, em "War Party", produção Argosy, de Merlan C. Cooper e John Ford, foi muito quietinha para casa, esperar a cegonha. A cegonha veio, deixou uma menina, e Shirley continua em casa, muito quietinha, tratando da herdeira e do marido. Salve ela!

— O produtor James S. Burkett, da Monogram, anunciou que ainda não escolheu entre os dois argumentos que tem em mão para o novo Charlie Chan, Roland Winters. Como se sabe, após o falecimento do segundo Chan, Sidney Toler, que herdara o papel do grande Warner Oland, a Monogram instituiu um concurso para a escolha do novo detetive, vencido pelo ator Roland Winters.

— Ainda nos domínios do mistério, a Monogram anuncia para breve a exibição de três filmes consecutivos sobre as aventuras do famoso "O Sombra", personagem inicialmente de revistas policiais e depois do rádio. Personificam Lamont Cranston (O Sombra) e Margot Lane, sua noiva, respectivamente Kane Richmond e Barbara Reed. Os títulos dos filmes são: "O Sombra Retorna",

**VARIZES E HEMORRÓIDAS**

**Hemo-Virtus**

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

"A Máscara do Sombra" e "A Dama de Jade".

— Bruce Bennett estava a 3 000 milhas de Hollywood, em plenas montanhas mexicanas, filmando "The Treasure of Sierra Madre", com Humphrey Bogart, Tim Holt e Walter Huston. Em Hollywood, sua esposa esperava uma criança a qualquer momento. Pa-

primeira vez que tenho um filho por ondas curtas... Ou melhor, é a primeira vez que minha mulher tem uma criança pelo rádio... Ora, bolas! Vocês sabem o que quero dizer!

— Os assistentes de "The Voice of the Turtle", comédia romântica da Warner Bros, com Ronald Reagan e Eleanor Parker,

tamente, esse, o de uma "garota inesquecível".

— Para os interessados, uma boa e triste notícia ao mesmo tempo. Trata-se da volta de George O'Brien, o antigo astro de tantos bons filmes de "far-west", que reaparece agora em "My Wild Irish Rose", musical tecnicolorido da Warner Bros. George faz neste filme o papel de um palhaço e posa com Atlas e alguns outros deuses gregos. — Coitado do George!

— Negociações entre Louis B. Mayer e Al Jolson resultaram numa continuação do filme sobre a vida do grande astro há pouco produzido com Larry Parks no papel central. A produção ficará a cargo de Edwin Knopf, que terá a assistência de Al Jolson em todos os detalhes do trabalho. Na nova história, Al Jolson cantará todas as grandes canções que o celebrizaram.

— S. Sylvan Simon foi indicado para a direção da nova comédia de Red Skelton, "A Southern Yankee", quinta película em que os dois colaboram. O filme se desenrola sobre a guerra civil americana, fazendo Red o papel de um espião que trabalha para ambos os lados.

— Reaparecendo no estúdio da Metro, após o término de "If Winter Comes", Walter Pidgeon entrou diretamente na alfaiataria da Metro para se preparar para "Julia Mialchayes", seu próximo trabalho com Greer Garson. A direção da película está confiada a Jack Conway. — Como vemos, aí vem a popularíssima dupla.

## Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:  
Tratar com  
JARBAS DE FREITAS GALVÃO  
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217  
FONE — 6-6718

ra tranquilizar um pouco o ator, a Warner instalou em sua cabana uma estação de ondas curtas, pela qual ele recebia a marcha dos acontecimentos. Andando de um lado para outro em frente ao receptor, Bruce acabou resolvendo dizer qualquer coisa aos colegas, que o olhavam solidariamente. Disse isso: — Não é que eu esteja nervoso, não. Mas é que é a

verão uma garota inesquecível, de acordo com a opinião unânime dos homens que tomaram parte na filmagem. O nome da pequena é Joan Lawrence. Tem olhos e cabelos castanhos, vinte anos e muita coragem, pois salu do colégio e enfrentou Hollywood e suas tristezas desassombadamente... E o papel de Joan em "The Voice of the Turtle" é jus-

## BRUTALIDADE

(Cont. da pág.23)

— Não posso fazer grande coisa, posso? — replicou Joe, careteando. E foi então que a obsessão que há tanto o atormentava tomou forma e se tornou uma necessidade. Sua noiva estava doente. Morreria se ele não fosse para junto dela. De qualquer maneira, por qualquer buraco, precisava escapar...

★

Na manhã seguinte, exatamente às dez e vinte, Joe Collins entrou no gabinete do dr. Walters.

— Estou esperando ser reclassificado, — explicou ao médico, que o olhava surpreso. —

Munsey achará outro serviço para mim. Ele sempre acha...

— Bem, sente-se aqui, — convidou Walters. — Ia mesmo procurá-lo. E' bom que tenha aparecido. Um doente meu, o velho Pat Regan, quer falar com você. Há um passe para a enfermaria em cima daquela mesa.

— Obrigado. — Então Joe pediu ao médico que lhe explicasse tudo sobre câncer. E ficou sabendo que era uma doença que de modo algum significava morte, mas que, naturalmente, cada caso tinha os seus particulares. — E o mais importante, — concluiu o doutor, — é o fator tempo. — Olhou pesaroso para Joe. — Alguém chegou?

— É. — respondeu Joe. — Mas, doutor, que horas são?

— Um dez e meia...

— Tem certeza?

Walter encarou-o intrigado e olhou para o relógio.

— Para ser exato, são dez e vinte e sete. Por que?

Joe não respondeu, mas em poucos minutos a resposta veio por telefone. Um chama-

AS MULHERES LINDAS  
AFIRMAM:



RUGOL é formidável  
porque com 1 só creme

LIMPA, CLAREIA E  
EMBELEZA A PELE!

O Creme Rúgol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. Serve também como excelente base para a maquiagem. Rúgol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rúgol, que dá à cutis maravilhosa brancura... dão fano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele



Aplice Rúgol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos

CREME  
**RUGOL**

Mantém em segredo sua idade, porque  
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

★

do urgente da oficina da prisão. Wilson, o traidor, sofrera um acidente. Caíra numa enorme prensa e fôra esmagado. O que o doutor não sabia, mas suspeitava, era que Wilson fôra empurrado para dentro da prensa. Todos os presentes estavam no plano... todos ajudaram a distrair os guardas enquanto a turma de Joe, munida de maçaricos, empurrava Wilson para os impiedosos maxilares da máquina. Os gritos de Wilson não foram ouvidos no meio da barulhada que o pessoal fazia na ocasião. O "acidente" ocorrera exatamente às dez e meia; estava feita a justiça, segundo a lei dos presidiários.

O dr. Walters largou o telefone com uma expressão peculiar nos olhos. — Bem, aqui

SOFRE DO FIGADO?  
TOME  
**BIO-HEPAX**  
produto do laboratório da GUARAMIDINA

está uma culpa que não poderão lançar sobre você, Collins. Eu sou o seu alibi. Isso é importante. Foi uma sorte que você me tivesse perguntado as horas exatamente naquele momento...

— É, foi mesmo.

— Um camarada chamado Wilson.

— Muito triste, — respondeu Joe. — Acidente?

O doutor sacudiu a cabeça. — Sem a menor sombra de dúvida. Com testemunhas e tudo...

O olhar de Joe era tranquilo... mas tinha certeza de que o dr. Walters sabia...

★

Mais tarde, naquele dia, Joe procurou Gallagher na tipografia da prisão. Falaram um pouco sobre Wilson. — Se alguém tivesse pedido meu conselho, — avisou Gallagher, — eu diria "Não faça isso".

— Provavelmente foi por isso que ninguém pediu, — respondeu Joe.

— Só serve para piorar as coisas para todos nós. Que é que anda na sua cabeça, Joe?

— Nós dois, — respondeu Joe. — Fora.

— Olha aqui, Collins. Os colegas me respeitam. O diretor também. Tenho boa reputação porque sempre ajudei ambas as partes e nunca tapiei ninguém.

— E então?

— Então, apesar de Munsey, ainda sou o número um. Estou aqui há seis anos. Você sabe quantas propostas já tive para fugir? Seis mil. Nenhum deles escapou...

Assim, Gallagher recusou-se a se unir a Joe na tentativa de fuga. Quando Joe ia saindo, outro disse bondosamente: — Collins, se eu tivesse que escolher um companheiro para uma coisa dessas, escolheria você. Mas não preciso disso, agora. Vou lhe dizer porque. Prometeram-me liberdade condicional. Breve.

— Joe o olhou nos olhos. — Até logo, Gallagher.

(Continua no próximo número)

## VENDO A AMÉRICA PELA PRIMEIRA VEZ

(Continuação da pág. 9)

O papel de "Olga"! E apenas dois meses depois, por uma coincidência extraordinária, fui escolhida para fazer aquele papel, na versão cinematográfica, produzida por Jesse L. Lasky para a RKO Rádio, ao lado de Fred MacMurray e Frank Sinatra!

Geralmente, todo o fim de semana, meu marido, eu e Carlo passamos de carro, indo invariavelmente a um lugar novo para nós. Nos dias de trabalho, passamos as noites em casa, descobrindo novos livros e novas músicas. Até agora, meus escritores favoritos são: Hemingway, Dreiser e Steinbeck, e em matéria de música, prefiro o ritmo de "Dixieland". Essa escolha de autores coincide, naturalmente, com as tendências dramáticas das minhas próprias interpretações, embora eu também tenha tido papéis cômicos, em minha carreira.

Nos intervalos de filmagem, eu eido da correspondência, escrevendo a meus pais, que vivem em Como, na Itália. Tenho contado tudo a eles (meu pai é professor de filosofia na Universidade de Milão) sobre a América, e é possível que algum dia eu consiga trazê-los para

cá. Mas agora, eu e Oscar estamos pensando em construir uma casa estilo colonial — do tipo das do sul da Califórnia.

Enquanto isso, pretendo continuar a descobrir coisas interessantes na América, e a fazer tudo o que puder para contribuir, através do cinema, pela renovação da cultura italiana. Nesse sentido, nada melhor do que o intercâmbio de artistas entre os dois países. Uma das coisas mais importantes em todo o mundo, pelo menos a meu ver, é o perfeito entendimento entre os povos e as nações. Talvez assim possamos evitar outro conflito. De qualquer modo, com minha modesta atuação na tela, desejo cooperar com a minha parcela de boa vontade...

## Amedeo Nazzari

(Continuação da pág. 14)

momento em que pareceu especializar-se em comédias leves, formando uma dupla com Alida Valli; aliás, os cronistas falaram de um possível casamento, que nunca se realizou... Mas o gênero dramático ficou na preferência do ator e de seus críticos. Talvez o resultado mais importante da carreira de Nazzari seja "Caravaggio, o pintor maldito", biografia do grande renovador da pintura italiana, em que interpretou as cenas de alcoolismo e de loucura com uma veemência impressionante. (Um papel semelhante coube-lhe mais tarde em "O cavaleiro do Sonho", uma biografia de Douzzetti com resultado, porém, mais fraco).

Apesar de sua proverbial prepotência, Nazzari é um ator de grande consciência artística. Lembro-me de tê-lo visto, antes da filmagem dum celuloide histórico, "La notte delle beffe", folhear livros e mais livros para tomar conhecimento de tudo que se referia à vida dos oficiais austríacos na Itália, a seus trajes, à sua maneira de prestar continência, de comandar as tropas, etc...

Ao fim da guerra, Nazzari declarou que ia abandonar o cinema para constituir uma companhia dramática. O projeto realizou-se, porém, por breve tempo e com êxito medíocre. O cinema viu de volta o filho pródigo com "O bandido", ao qual se seguiram imediatamente outros filmes.

Atualmente Amedeo Nazzari está na Argentina, nação onde o meio cinematográfico está se tornando cada dia mais cosmopolita, devido à presença de elementos franceses, alemães, espanhóis e italianos. Também Aldo Fabrizi, o padre de "Roma, cidade aberta", foi para Buenos Aires. Mas é provável que o ator romano, essencialmente regional, custe a adaptar-se ao novo meio, ao passo que para Nazzari a tarefa será mais fácil. Ademais, Nazzari já é senhor da língua castelhana por ter interpretado diversos filmes italo-espanhóis.

O cinema argentino continua assim na sua obra de expansão internacional. A preocupação dos produtores — conquistar os mercados estrangeiros — é visível até na escolha dos argumentos. Os quatro filmes mais interessantes apresentados pela indústria portenha em 1947 são baseados em obras literárias de Stefan Zweig, Leão Tolstói, Alphonse Daudet e Erico Verissimo. Há quem não goste disso, pro-

fetizando para o cinema argentino uma perpétua falta de originalidade. Também, há quem observe o predomínio do sentido industrial sobre o valor artístico. De minha parte, estou convencido de que os argentinos escolheram o caminho certo, pois, só num meio tecnicamente aperfeiçoado, e enriquecido pelos grandes lucros do mercado internacional, poderá verificar-se a aparição de grandes artistas, sem que as realizações deles permaneçam no terreno amadorístico, sempre condenadas a uma aparência algo provinciana, que só a coragem de enfrentar os grandes temas, além da emulação industrial com os estrangeiros, podem eliminar, atribuindo às obras um caráter universal.

## Frente a frente com...

(Continuação da pág. 10)

Van Gogh, A. J. Cronin, Maxwell Anderson, Grant Wood, Abraham Lincoln, a Sinfônica de Filadélfia, fotografia, verduras e rosbife. Agora você separa tudo direitinho e ficará conhecendo as minhas preferências em cada caso...

Seguindo à risca a palavra do astro, passo aos leitores a tarefa de separar os ingredientes...

Dana Andrews tem um metro e oitenta de estatura e pesa setenta e seis quilos. Tem olhos e cabelos castanhos. O resto é fácil de ver pelas fotografias... Hoje estou disposto a castigar os leitores! Dana tem duas irmãs e seis irmãos, todos vivos e moradores do Texas.

Com ele, em Hollywood, vivem a esposa, Mary Todd, e os três filhos, David, Kathryn e Stephen. A esposa é californiana de nascimento e já foi atriz profissional, tendo o romance começado na Playhouse. David, o mais velho, é do primeiro matrimônio, tendo sua mãe morrido em 1935. Kathryn está com seis anos e Stephen com quatro.

Dana Andrews já apareceu em 23 películas. Dessas, as mais lembradas são: "Bola de Fogo", "Sonhando de Olhos Abertos", "Estrada da Vida", "Um Passeio ao Sol", "Uma Asa e Uma Praca", "Laura" (Quem não se lembra de "Laura"?), "Paixão Selvagem", "Os Melhores Anos de Nossa Vida" e "O Justiceiro", os três últimos há pouco exibidos no Rio.

O último filme de Dana é "Daisy Kenyon", da Fox, com Joan Crawford e Henry Fonda, que será exibido no Brasil com o título de "Extase de Amor".

## O toureiro de "Santa"

(Continuação da pág. 30)

Entre os filmes que o jovem ator interpretou posteriormente figura "Este nosso amor", recentemente exibido na Cinelandia, onde o vimos num belo papel dramático, ao lado de Emilia Guiu e Esther Luquin. Em Hollywood, Ricardo Montalban estreou em "Fiesta", com Esther Williams, tudo fazendo crer que a Esther americana lhe dará tanta sorte quanto lhe deu a Esther da terra de Juarez... Atualmente está trabalhando em "His Son". Ricardo Montalban é casado com Polly Ann Young, irmã de Loretta e de Sally Blane, a esposa de Norman Foster, que passou pelo Rio, há poucos anos. Quando seus filmes americanos começarem a ser exibidos entre nós, Ricardo Montalban tomará conta das fãs cariocas. Esperem e verão.

# O ANO ESPORTIVO

SINTESE COMPLETA



**ALMANAQUE  
EU SEI TUDO  
PARA 1948  
À VENDA**

Este e inúmeros outros assuntos (contos, romances policiais e de amor, calendário e informações sobre o ano, história, ciência e arte) são encontrados no **ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1948**, à venda em toda parte por Cr\$ 15,00. Pedidos à **Cia. Editora Americana**, pelo reembolso postal ou mediante vale do correio. — **Rua Maranguape, 15, Rio.**



CIA. DE CIGARROS

*Souza Cruz*

